



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Juliana de Oliveira Santos

**As contribuições de Bertha Lutz para o
feminismo, a ciência e a sociedade**

Mestrado em História da Ciência

SÃO PAULO

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Juliana de Oliveira Santos

**As contribuições de Bertha Lutz para o
feminismo, a ciência e a sociedade**

Mestrado em História da Ciência

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História da Ciência, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Roxo Beltran.

SÃO PAULO

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, n do processo 88887.630897/2021-00.

O presente trabalho foi realizado com apoio FUNDASP.

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Luzia (*in memoriam*) e ao meu pai, Mário (*in memoriam*). Ambos vivenciaram o momento que adiei meu sonho e espero que onde estiverem possam ver a realização dele.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela bolsa de estudos, sem a qual não seria possível a conclusão deste curso.

À minha orientadora Prof^ª Dr^ª Maria Helena Roxo Beltran que me acompanhou de perto em todas as fases da produção deste trabalho e gentilmente me ouviu e me deu suporte durante toda pesquisa.

À gestão da EMEF Ferraz de Campos que tornou esse sonho possível.

Aos membros da banca examinadora que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação. As críticas e contribuições foram fundamentais para este trabalho.

Aos Professores do Programa de História da Ciência da PUC-SP, pela dedicação, competência, apoio e todo conhecimento compartilhado.

À Camila Fernandes, da secretaria do programa, sempre competente e prestativa.

Aos colegas de turma da PUC-SP, pelo convívio, amizade e apoio demonstrado e a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação,

Por fim ao meu parceiro de todas as horas, Joaquim, que me apoiou incondicionalmente, me deu suporte emocional, físico e psicológico e que me proporcionou uma das maiores alegrias, o Mathias que, paradoxalmente, vai celebrar sua chegada com a finalização dessa pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a trajetória da cientista e feminista Bertha Lutz e as contribuições que ela deixou para a ciência, o feminismo e a sociedade. Durante a pesquisa, notamos que Bertha Lutz teve uma educação esmerada, planejada por seus pais, podendo concluir seus estudos superiores na universidade francesa Sorbonne. Bertha também morou na Inglaterra e passou algum tempo nos Estados Unidos, o que a colocou em contato com o movimento das sufragistas. Compreendendo que esse movimento tinha muito a oferecer no campo da emancipação feminina, Bertha se juntou a ele e trouxe para o Brasil algumas ideias que o fundamentavam. Aqui, ela foi secretária do Museu Nacional, tendo entrado por concurso público, algo raro para uma mulher na época. Em conjunto com seu pai, Adolpho Lutz, Bertha realizou ampla pesquisa sobre os anuros e o ajudou a publicar vários estudos. Assim, estudando uma mulher que se destaca na ciência, oferecemos uma contribuição para a História da Ciência, no que concerne ao legado dos Lutz. Esta dissertação está dividida em dois capítulos: o primeiro aborda a história e a trajetória de Bertha Lutz para se firmar como cientista e feminista; no segundo, falamos da contribuição de seu trabalho para as comunidades científicas do país. Neste estudo procurou-se mostrar a trajetória de Bertha Lutz, focalizando especialmente sua inserção na ciência brasileira, um território então considerado masculino.

Palavras-chave: história da ciência; Bertha Lutz; ciência; feminismo; mulheres na ciência.

ABSTRACT

This research focuses on the trajectory of scientist and feminist Bertha Lutz and the contributions she made to science, feminism and society. During the research, we noticed that Bertha Lutz had a careful education, planned by her parents, being able to complete her higher studies at the French university Sorbonne. Part of her life Bertha also lived in England and spent some time in the United States, which brought her into contact with the suffragette movement. Understanding that this movement had a lot to offer in the field of female emancipation, Bertha joined it and brought it to Brazil. Here, she was a secretary at the National Museum, having entered through a public examination, something rare for a woman at the time. Together with her father, Adolpho Lutz, Bertha carried out extensive research on anurans and helped her father publish several studies. Thus, by studying a woman who stands out in science, we offer a contribution to the History of Science, regarding the Lutz legacy. This dissertation is divided into two chapters: in the first we tell the story and trajectory of Bertha Lutz to establish herself as a scientist and feminist, in the second we talk about the contribution of her scientific work to the country's scientific communities. The relevance of this work is to show Bertha's trajectory and her insertion in a world considered masculine. The methodology was bibliographic and documentary research using the internet network.

Keywords: history of science; Bertha Lutz; science; feminism; women in science,

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo 1- Bertha Lutz e o acesso ao ensino superior e ao voto pelas mulheres.....	15
1.1 Infância adolescência e vida adulta.....	19
1.2 A trajetória profissional.....	24
1.3 Em direção ao voto.....	30
Capítulo 2- Bertha Luz: filha, cientista e feminista.....	43
2.1 Trabalhos em coautoria.....	48
2.2 A coleção Adolpho Lutz.....	58
2.3 A pesquisa sobre Anfíbios e anuros.....	62
Considerações finais.....	73
Bibliografia	76

Introdução

Ao final do século XIX e início do XX houve um aumento de instituições ligadas à comunidade científica, estabelecendo-se uma rede de relações visando promover o desenvolvimento de atividades de educação popular e de divulgação, além da pesquisa.

A Sociedade Brasileira de Ciências criada em 1916, posteriormente Academia Brasileira de Ciências (1922), surge como importante local de reunião dos cientistas e ponto de ligação com as comunidades científicas estrangeiras. Na década de 1920 cria-se a Universidade do Rio de Janeiro, reorganiza-se a escola secundária e superior em 1925 e reformulam-se as de nível técnico-profissional no ano seguinte.

No nível secundário e superior, essas alterações se davam de forma articulada, sendo consideradas instituições inseparáveis. Sob a normatização e fiscalização da União, o Colégio Pedro II e as escolas superiores federais ditavam os padrões para as escolas de todo o território nacional – sendo que o ensino secundário tinha uma função preparatória para o ingresso no superior.

Os lugares tradicionais de pesquisa foram reformulados, juntamente com os espaços associativos. É nesse momento que no Rio de Janeiro se articula com mais intensidade uma comunidade científica formada por médicos, astrônomos, naturalistas entre outros. Em sua maioria, dividiam o tempo em pesquisa o ensino e a divulgação através de publicações científicas além é claro, da participação em congressos e eventos científicos internacionais.

Nas primeiras décadas do século XX as mulheres que integravam a comunidade científica eram pouco reconhecidas, no entanto elas estavam presentes. Apesar da resistência ao seu ingresso nas universidades, essas mulheres atuavam nos mais variados segmentos da esfera científica, chegando a desenvolver pesquisas em instituições relevantes, como no caso de Bertha Lutz no Museu Nacional.

Bertha Maria Júlia Lutz (1894 - 1976) foi uma figura emblemática no cenário nacional por sua atuação na política, ciência e feminismo. É conhecida em maior proporção como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras

e filha do cientista e pioneiro da Medicina Tropical Adolfo Lutz e, em menor proporção, como naturalista.

Nascida em São Paulo, no dia 2 de agosto de 1894, sua mãe era a enfermeira inglesa Amy Fowler. Bertha Lutz foi educada na Europa, formou-se em Ciências Naturais pela Sorbonne e tomou contato com a campanha sufragista inglesa.

Voltou ao Brasil em 1918 e ingressou por concurso público no cargo de secretário no Museu Nacional, sendo a segunda mulher a entrar no serviço público brasileiro. Ao lado de outras pioneiras, empenhou-se na luta pelo voto feminino e criou, em 1919, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que foi o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF).

Em 1922, Bertha representou as brasileiras na Assembleia-Geral da Liga das Mulheres Eleitoras, nos Estados Unidos, sendo eleita vice-presidente da Sociedade Pan-Americana. Somente dez anos depois do ingresso das brasileiras na Liga das Mulheres Eleitoras, em 1932, por decreto-lei do presidente Getúlio Vargas, foi estabelecido o direito de voto feminino.

Sua atuação parlamentar iniciou em 1933 pelo Partido Autonomista do Distrito Federal, no qual obteve a primeira suplência no pleito devido a morte do titular Cândido Pessoa. Assumiu o mandato na Câmara Federal em julho de 1936, permanecendo por um curto período devido a implantação do Estado Novo em 1937, por Getúlio Vargas. Como deputada, propôs mudança na legislação referente ao trabalho da mulher e do menor, visando, além de igualdade salarial, a licença de três meses para a gestante e a redução da jornada de trabalho, então de 13 horas diárias.

Paralelamente à sua atuação como líder de um feminismo que contou com sólida base institucional e projeção internacional, profissionalmente após Bertha ingressar no Museu Nacional, instituição onde permaneceu até sua aposentadoria em 1964, realizou no campo da botânica a classificação e o depósito de 63 espécies no Herbário do Museu Nacional, participou de inúmeras expedições desenvolvendo pesquisas de campo, analisando espécies em seus biomas e coletando material ecológico, assim como na área de zoologia na qual catalogou 4.400 espécies nacionais de anuros sendo suas atividades nessa esfera de atuação o foco central da análise desse trabalho.

Bertha ocupou posição central nos últimos anos de vida de Adolpho Lutz, auxiliando-o em seus trabalhos desenvolvidos no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). A partir da experiência que viria a ter com os trabalhos dele na área da Zoologia, que vem a consolidar sua carreira, marcadamente a partir de 1940, com publicações relacionadas às pesquisas do falecido pai reunindo suas memórias através da continuidade de suas pesquisas sobre anfíbios e anuros. Ela agrupou informações completas, e novas abordagens consideradas para época, em suas pesquisas, contudo, optou por permanecer como coautora em prol de seu pai, mesmo com inúmeros dados sendo acrescentados por ela.

O presente trabalho buscou compreender contribuições de Berta Lutz no âmbito da sociedade e da ciência buscando compreender algumas dificuldades que enfrentou em seu percurso.

Foram analisados episódios de sua trajetória profissional que perpassam pelas esferas política e social, em sua atuação como feminista e naturalista. A partir dessas análises, foram tecidas algumas considerações sobre a atuação das mulheres nas ciências.

O recorte temporal estabelecido foi de 1918, quando ingressa na instituição, até o final da década de 1930 – alterando sua situação funcional de “Secretário” para Naturalista em 1937 e abrindo o que parece ser uma nova fase profissional, com maior dedicação na área zoológica, indo até meados de 1950, com a publicação de artigos dedicados a seu pai.

Nessa linha de considerações, pensar Bertha Lutz como pertencente a uma geração de cientistas e de mulheres em busca da definição de seus lugares oferece uma percepção de Bertha como uma das poucas mulheres a fazer ciência no Brasil em sua época.

Para Bertha, a educação seria a mola propulsora não só para o progresso do país, mas para emancipação da mulher. No entanto, ela reconhece que o acesso à educação é condição necessária, mas não suficiente, para a almejada paridade entre gêneros em termos de inserção e progresso profissional, rendimentos financeiros e, principalmente, de poder.

As mulheres nos países latino-americanos precisam, em média, de dois anos a mais de escolaridade que os homens para ter as mesmas oportunidades

de emprego formal e quatro anos mais de escolaridade que eles para receber o mesmo salário¹.

“É de se esperar que essa situação discriminatória contra a mulher trabalhadora não se repita no mundo da ciência que se orienta por critérios universalistas e meritocráticos²”. Entretanto, uma vez dentro do sistema, em termos de progresso na carreira científica e posição hierárquica, a posição das mulheres se deteriora sensivelmente.

A própria Bertha ao pleitear o posto de Lente em Escola Superior, mesmo recebendo a maioria dos votos da mesa examinadora, deparou-se com a escolha de outro candidato pela Congregação da Escola.

Além disso, seu acesso a um cargo condizente com sua formação veio somente após desempenhar a função de “secretário” por dezoito anos no Museu Nacional, ainda assim depois de inúmeros pedidos e provas de sua participação em eventos fora da Instituição, desempenhando funções que iam muito além da que estava prevista para seu cargo³.

A realização dessa pesquisa também permitiu compreender um pouco mais sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres, que são históricas e culturais, isto porque a atuação nos processos de produção e desenvolvimento de inovações científicas e tecnológicas, reiteradamente, era protagonizada pelos homens.

Ao longo da História da Ciência a participação das mulheres foi ocultada pelas concepções do que é ciência e tecnologia. A falta de direito à propriedade intelectual também fez com que os registros da participação feminina em pesquisas e invenções científicas permanecessem no nome de seus pais, maridos ou outros familiares, excluindo seus nomes dessa documentação.

Durante esta pesquisa, os objetivos enfocaram inicialmente o protagonismo de Bertha Lutz, em várias áreas de sua vida. No entanto, ao focalizar sua participação na esfera científica, surpreendeu a ausência de documentação. Muito se deve ao incêndio que ocorreu em 2018 no Museu Nacional, que consumiu boa parte de sua documentação.

¹ Velho, L. & Prochazka, M. V. “Mulheres na ciência”, s.p. (Revista ComCiencia, disponível em <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres>).

² Ibid.

³ Em entrevista a Maria Luiza Bitterncourt ex-sócia da FBPF, afirma para Alves que ninguém discutia sobre a tomada de decisões referente às campanhas sufragistas, pois Bertha Lutz as dirigia integralmente, tendo inclusive prejudicado sua carreira profissional naquele período, pois dedicava quase todo seu tempo à luta pelo voto. Esse foi o primeiro indício que Bertha, de alguma forma, não conciliava com tanta parcimônia a carreira profissional e a luta social. Alves, *Ideologia e Feminismo*, 113.

Em contato com o Museu Nacional e na sequência com o fundo SEMEAR, responsável pela curadoria e digitalização da documentação de Bertha Lutz, foi possível obter alguns documentos, em sua maioria, fotografias, cópia de telegramas e notícias de jornais. O mesmo ocorreu no contato com o Arquivo Nacional.

Pesquisando a documentação de Adolpho Lutz foi possível compreender o papel de Bertha Lutz como naturalista que era. No entanto, sob outra ótica: a de filha, que fazia questão, inclusive, de defender que os trabalhos publicados em coautoria ou de sua própria autoria, deveriam ser creditados a seu pai.

Debruçando-nos sobre alguns volumes da Coleção Adolpho Lutz foi possível compreender que a documentação de Bertha enquanto naturalista não se perdeu totalmente no incêndio. Foi preservada devido às pesquisas que fez com a intenção de celebrar a memória do pai. Foi assim que também houve a possibilidade de ter acesso a artigos de sua autoria, riquíssimos em detalhes, na área de zoologia.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos: o capítulo 1 destaca a presença de mulheres cientistas no ensino superior e sua participação em diferentes áreas de conhecimento bem como as práticas, objetivos e definições históricas que desenharam o meio científico. Traz reflexões sobre ciência, feminismo e sobre a trajetória das mulheres na ciência, passando pelo cenário da educação no Brasil e, conseqüentemente, sobre o papel da mulher nos espaços científicos e acadêmicos, sendo possível traçar um paralelo com Bertha Lutz desde sua infância, adolescência e vida adulta até seu ingresso em um dos principais contextos institucionais científicos a que pertenceu, o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Buscamos aqui traçar sua trajetória profissional dentro da instituição: as condições de seu ingresso, cargo ocupado e atuação. Enfatizamos, como a atuação científica de Bertha Lutz no Museu Nacional está em conformidade com as características dessa instituição e como a dimensão feminista permeou simultaneamente sua trajetória naquele local, principalmente no que concerne sua atuação na luta em busca do sufrágio universal.

No capítulo 2 reconhecemos a importância do pertencimento da naturalista a uma classe social privilegiada principalmente pelo acesso à educação que teve. Consideramos também o vínculo paterno um fator decisivo desde sua formação profissional até seu rápido ingresso, socialização e mesmo aceitação em meio à comunidade científica. Acompanhar as pesquisas e excursões do pai ou mesmo relacionar-se com a instituição onde este trabalhava – o Instituto Oswaldo Cruz - foram

iniciativas suas que lhe proporcionaram o desenvolvimento de suas habilidades e, ao menos em parte, a construção de sua carreira. Ademais, contar com uma rede de relações sólida era fator importante para qualquer indivíduo inserido na comunidade científica de então. Embora algumas vezes a inserção profissional científica de Bertha Lutz seja citada nesse estudo, suas atividades nessa esfera de atuação como assistente no Instituto Oswaldo Cruz antes e depois do seu ingresso no Museu Nacional, são parte desse estudo.

Evidenciam-se os trabalhos em coautoria com seu pai, já em uma fase em que ele se encontrava com a saúde debilitada, e na qual Bertha se insere e desenvolve gosto por outra área além da botânica, a zoologia, em especial anfíbios e anuros, na qual seu pai iniciou suas pesquisas na década de 20 e Bertha deu seguimento com maior ênfase após o falecimento dele. Além da Coleção Adolpho Lutz, que dispõem de estudos em coautoria entre Bertha e Adolpho Lutz, traremos estudos autorais de Bertha, bem como destacaremos seus esforços na busca de imortalizar Adolpho Lutz por meio da continuidade de sua pesquisa ou mesmo na forma de um Museu de História Natural.

Capítulo 1. Bertha Lutz e o acesso ao ensino superior e ao voto pelas mulheres

Antes do século XIX o termo cientista não existia e poucas pessoas, fossem elas homens ou mulheres que trabalhavam integralmente com ciência, acabavam por desenvolver o trabalho científico como atividade externa a atividades em que ganhavam para garantir a própria subsistência. Alguns tinham a sorte de ter o patrocínio da corte ou o aporte de pessoa ricas da nobreza, enquanto outros trabalhavam como tutores ou preceptores. Porém, o fato é que esse arranjo menos rígido permitia às mulheres participarem mais ativamente da ciência.

Shienbinger destaca que oficinas artesanais serviam como um meio de acesso à ciência para as mulheres do século XVIII. A autora aponta que o historiador Edgar Zilsel estava entre os primeiros a evidenciar a importância da habilidade artesanal para o desenvolvimento da ciência moderna⁴.

Porém, autoras como Trindade, Beltran e Tonetto, baseadas nos estudos de M. Rossiter destacam que nunca foi fácil para as mulheres atuarem em campos em que predominavam homens⁵. Para vencerem as barreiras do gênero, as mulheres se serviram de estratégias muito bem elaboradas, participando de discussões em saraus (que muitas vezes elas mesmas promoviam), bem como da habilidade manual e da perseverança. Quando a ciência já era uma atividade altamente valorizada, outras estratégias femininas foram se consolidando, sendo uma delas a de se dedicar a temas pouco explorados⁶.

Assim, é importante ressaltar que grande parte das mulheres no século XIX trabalharam no que se conhece como “periferia da ciência” e, conseqüentemente ocupando cargos mal pagos, que eram oferecidos exclusivamente para mulheres que, muitas vezes, os aceitavam para conseguirem estar próximas do seu objeto de estudo, sendo que em alguns casos trabalhavam sem receber por suas atividades.

Podemos citar como exemplo a própria Bertha Lutz que, ao escolher inicialmente a área de botânica como campo de atuação, provavelmente uma decisão que ocorreu devido à divisão socialmente instituída entre espaço público e privado. E

⁴ Shienbinger, *O Feminismo mudou a ciência?* 66-67.

⁵ Rossiter, "Women's Work in Science".

⁶ Trindade, Beltran & Tonetto. *Práticas e estratégias femininas*, 15.

isso acabou direcionando a escolha das mulheres que começaram a dar os primeiros passos na ciência através de caminhos minimamente familiares às suas atividades tradicionais.

Muitas autoras, entre elas Sombrio, acreditavam que as mulheres estavam concentradas em disciplinas científicas de menor valor e remuneração mais baixa. Talvez fosse por isso que se dedicavam mais ao campo das ciências naturais, como a botânica e zoologia, que eram consideradas partes menos importantes da ciência⁷.

As mulheres só começaram a ser mais aceitas nas instituições de ensino superior a partir do final do século XIX. De fato, a inserção de grande número de mulheres em instituições de ensino superior se deu há cerca de um século, o que pode indicar um motivo pelo qual somos poucas na história da ciência progressa até o momento atual⁸.

No século XVI, quando as primeiras escolas de ensino surgiram no Brasil, eram dirigidas exclusivamente por jesuítas, sendo voltadas, em sua maioria, para a formação cultural de homens brancos, como demonstram Lino & Mayorga⁹. As autoras afirmam que as mulheres estavam fora do sistema educacional no início da colonização brasileira. Apenas algumas frequentavam a catequese e, quando começaram a receber educação escolar, esta era restrita à educação domiciliar ou em conventos.

Sousa ressalta que, posteriormente, no que concerne ao nível secundário e superior, suas alterações se davam de forma articulada, sendo consideradas instituições inseparáveis¹⁰. No século XIX, era o Colégio Pedro II e as escolas superiores federais que determinavam os padrões sob normatização e fiscalização para as escolas de todo território nacional, sendo que o ensino secundário exercia uma função preparatória para o ensino superior.

A inserção das mulheres nos diferentes espaços do Colégio Pedro II foi o resultado de um longo processo permeado por avanços e retrocessos. Desde a criação do colégio, em 1837, poucas mulheres transitaram por este estabelecimento, que se constituía exclusivamente masculino, dirigido por homens e com o corpo docente composto de professores também do sexo masculino¹¹.

⁷ Sombrio, "Traços da participação Feminina", 40.

⁸ Lino, & Mayorga, "As mulheres como sujeitos da Ciência", 4.

⁹ Ibid.

¹⁰ Sousa, "Educação e profissionalização de mulheres", 22.

¹¹ Alves, "Trajetórias femininas no Colégio Pedro II", 1.

Em 1866 o cenário tipicamente masculino foi modificado pela presença de Elizabeth Cary Agassiz, que acompanhava o marido, o naturalista Jean Louis Rodolphe Agassiz, que iria apresentar uma palestra a convite do reitor do Colégio, Dr. Pacheco Silva. Até então os trabalhos científicos e literários eram apresentados a um público seletivo, no entanto, a referida palestra foi aberta a todos que desejassem ouvir, o que ocasionou a presença do público feminino contando, inclusive, com o comparecimento da Imperatriz, das princesas e do próprio D. Pedro II¹².

Depois disso, muitos anos se passaram até que as mulheres novamente pudessem retornar ao Colégio. O ingresso das meninas no Colégio Pedro II foi uma das reivindicações do movimento feminista brasileiro, já presente no 1º Congresso Internacional pelo Progresso Feminino ocorrido no Rio de Janeiro, em 1922.

A primeira aluna a ser matriculada e a receber o grau de Bacharel depois de seis anos de estudo, Yvonne Monteiro da Silva, no mesmo ano de sua formatura, ou seja, em 1931 recepcionou alguns membros do 2º Congresso Feminino, quando em visita ao Colégio¹³.

Nessa época o colégio recebeu as delegadas do segundo Congresso Feminino, tratando a delegada especial, Bertha Lutz, com o respeito merecido. Ela foi chamada para compor a mesa da solenidade e o fez com honra¹⁴. No que concerne ao ensino superior, a primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil foi no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina. As mulheres no Brasil só foram autorizadas a frequentar um curso superior no ano de 1879, quando a elas foi concedido esse direito por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil¹⁵.

Portanto, o processo educacional que teve início nos últimos anos do século XIX educou as mulheres que viriam a lutar por melhores condições nas décadas de 1920 e 1930.

É importante salientar a consideração de que a primeira Universidade do Brasil tenha sido estabelecida no Rio de Janeiro contando com a Faculdade de Medicina, Escola Politécnica e Faculdade de Direito, não existindo até então uma Faculdade de Ciências nas universidades brasileiras. De fato, o curso de História Natural, por

¹² Ibid., 2.

¹³ Ibid., 5.

¹⁴ Dória, *Memória história*, 243.

¹⁵ Bezerra, "Mulher e Universidade", 4.

exemplo, passou a existir somente a partir de 1937 com a criação da Universidade de São Paulo.

Esse fato pode ter motivado o renomado médico e cientista brasileiro Adolpho Lutz, pioneiro na área de epidemiologia e na pesquisa de doenças infecciosas, além de possuir inúmeras pesquisas também na área de zoologia, a, em encaminhar sua filha Bertha Lutz para que realizasse seu estudo em nível superior na França, que na época era um conceituado centro de difusão de história natural.

Com o novo contexto urbano e republicano, as famílias foram estimuladas a frequentar ambientes públicos e a interagir socialmente; intensificam-se as atividades públicas como festas e comícios populares, esportes, cinemas, danças etc. Muitas dessas atividades já ocorriam com frequência desde o início do século XX, contudo, nos anos 1920, essas experiências adquirem outra significação e consolidam um novo estilo de vida, caracterizado por uma nova relação entre os espaços urbanos e privados, que permitiram às mulheres a ocupação de diversos espaços¹⁶.

Já no final dos anos 1930 as mulheres ocupavam todos os níveis escolares, incluindo os cursos superiores. Esse crescimento da educação feminina, no início do século XX, foi muito significativo para que as mulheres tivessem acesso às carreiras científicas no Brasil. Bertha Lutz, formada na França, a partir de sua contratação no Museu Nacional, foi uma das poucas mulheres a fazer ciência no Brasil em sua época.

Conforme Lia Sousa:

(...) o tema da educação pode ser compreendido como um dos elos existentes entre o contexto científico e feminista. A questão educacional foi centro de intenso debate público na época e esteve presente entre os interesses de diferentes segmentos da sociedade: cientistas em busca da divulgação, legitimação e “aplicação” de seus trabalhos, e uma vertente do movimento feminista, que defendia a emancipação de mulheres através de sua instrução. A educação, para uma parcela de intelectuais, da qual Bertha Lutz fazia parte, era defendida como a forma mais acabada de promover a evolução dos indivíduos e, por conseguinte, o Progresso da Nação. Tais questões passaram a ser pautadas também por um crescente interesse governamental, principalmente no regime varguista, a partir de 1930¹⁷.

¹⁶ Sombrio, “Traços da Participação feminina”, 35.

¹⁷ Sousa, “Educação e profissionalização de mulheres”, 20.

1.1 Infância adolescência e vida adulta

Bertha Lutz veio de uma família favorecida financeira e intelectualmente. Sua mãe era a enfermeira inglesa Amy Fowler e seu pai foi um cientista pioneiro em medicina tropical e zoologia, Adolpho Lutz. Esse cenário lhe permitiu o acesso a informações e a uma formação privilegiada. Bertha viveu boa parte de sua infância e adolescência em São Paulo. Foi na capital paulista que começou a aprender os conceitos da ciência, com seu pai, e as letras e a formação do gosto musical, com sua mãe. Fez o curso primário em um Externato, situado no Largo da Liberdade em São Paulo onde cursou com distinção alemão, inglês, francês, português, literatura, geografia, cosmografia, entre outras disciplinas¹⁸. Supõe-se que houve um projeto paterno para a formação acadêmica e profissional de Bertha Lutz. Seu pai, Adolpho Lutz, deixava claro que considerava os cursos superiores brasileiros de má qualidade, pois os julgava inferiores aos das escolas europeias. Como sua filha apresentava um desejo de aprender, ele a orientou a concluir os estudos secundários na capital francesa, ao invés de Londres ou Berna. Possivelmente Adolpho Lutz tinha um desejo que Bertha viesse a ser sua assistente, e Paris era considerada o centro mais desenvolvido no campo das ciências naturais¹⁹.

Além disso, era um momento que, no Brasil, o ensino secundário era impedido de ter turmas mistas, possuindo um currículo diferenciado para homens e mulheres. Assim, Adolpho Lutz decidiu encaminhar a filha para prosseguir seus estudos secundário e superior em Paris.

Dessa forma, Bertha Lutz deu prosseguimento aos estudos em Paris, na companhia de sua mãe e do irmão Gualter Adolpho Lutz, nove anos mais novo que ela. Assim que termina os estudos secundários, Bertha ingressa na Faculdade de Ciência da Universidade de Paris (Sorbonne) e em seguida se matricula no curso de botânica, ministrado por Bonnier et Matruchot. Depois faz o curso de zoologia e evolução dos seres organizados, oferecido por Caullery et Rabot. Também estuda química biológica com Gabriel Bertrand, chefe do Laboratório de Química Biológica

¹⁸ Lôbo, *Bertha Lutz*, 23.

¹⁹ *Ibid.*, 23-24.

do Instituto Pasteur e especialista em pesquisa sobre propriedades químicas das plantas²⁰.

Além dos estudos em história natural em Paris, Bertha acompanha de perto o movimento social que lutava pelos direitos das mulheres pelo voto, movimento que se tornou mais acirrado anteriormente à primeira guerra mundial. O movimento sufragista, iniciado no século XIX, consistiu em uma luta de reivindicação pela participação ativa das mulheres na política, concedendo a elas o direito de votar e de ser votadas.

Foi também no referido século que houve a consolidação do sistema capitalista, o que trouxe consequências tanto para o processo produtivo quanto para a organização do trabalho como um todo, com ampliação especialmente da mão de obra feminina.

No momento que as mulheres começam a trabalhar, as fábricas, saem do sistema manufaturado, feito individualmente em casa, para a introdução de máquinas e trabalho em grupo. Isso contribui para que aumente a mão de obra feminina na indústria e o espaço doméstico é transferido para o lugar do trabalho externo²¹.

Foram os trabalhos fabris, aliados à ideia de igualdade, que circulava naquele momento, que levaram as mulheres a perceberem a exploração e opressão em que viviam. Por meio dessa consciência de submissão que se originou o movimento feminista²² no final do século XVIII, consolidando-se no século XIX em muitos países europeus e nos Estados Unidos e, posteriormente, nos países da América Latina, tendo seu auge na luta sufragista²³.

Na Inglaterra, Millicent Fawcett cria a União Nacional pelo Sufrágio Feminino, que inicialmente atuava de forma pacífica, usando como estratégia a entrega formal de pedidos na Assembleia Legislativa, não obtendo retorno de nenhum deles²⁴.

Em 1903 Emmeline Pankhurst funda a União Social e Política das Mulheres, grupo aliado das mulheres trabalhadoras. Em suas manifestações o uso de violência

²⁰ Ibid., 25.

²¹ Alves & Pitanguy. *O que é feminismo*, 38.

²² Essa primeira fase do feminismo mundial é conhecida como Feminismo de Primeira Onda. De acordo com Pedro (p.79), o feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita – nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. Pedro, “Traduzindo o debate: O uso da categoria gênero”, 3

²³ Costa, “O Movimento Feminista no Brasil,” 1.

²⁴ Moraes & Vieira, orgs., *Democracia comunicação e Cidadania*, 37.

era esporádico, promoviam greve e trabalhavam na divulgação de suas ideias por meio de panfletos ou debates públicos. No entanto, acabou ocorrendo a morte de uma militante em uma das manifestações²⁵.

Em países como os Estados Unidos o movimento sufragista ganhava força, pressionando os governantes através de sua união estratégica com a classe média e a causa abolicionista. Em 1918 o parlamento do Reino Unido autorizou que, mulheres acima de 30 anos e proprietárias de algum bem, tivessem direito ao voto²⁶.

Enquanto estava na Inglaterra, Bertha manifestou o desejo de participar da campanha feminista que começou naquele país ainda antes da guerra, mas foi alertada por sua mãe inglesa de que era estrangeira e ainda menor de idade²⁷.

Na França, Bertha ganha uma aliada ao encontrar Jerônima Mesquita, “que se ofereceu para união de esforços no Brasil, com vistas a fazer qualquer coisa pelas mulheres”²⁸. Porém, isso causou incômodo, polêmica e muitas discussões, em uma década na qual o cenário político do país era masculino e a mulher era impedida de votar ou de participar de eleições, entre outros direitos civis limitados.

Para Bertha, cabia às mulheres lutar por sua emancipação, assim como fizeram as inglesas e francesas, no exercício de tarefas que eram julgadas impossíveis para mulheres. Os requisitos básicos para isso seriam espírito de iniciativa, trabalho e educação.

“Desde a segunda metade do ano de 1918, o interesse pelo feminismo ocupa a correspondência de Bertha com os amigos europeus. Em setembro desse ano, ela pede a J. Pottner informações sobre a vida das ativistas feministas na Inglaterra”²⁹. Ela ainda escreve artigos, faz conferências, preocupa-se com questões sociais e elabora planos para o Brasil nesse campo, assim que fosse possível seu retorno.

Soihet transcorre sobre o trabalho ser determinante para Bertha Lutz. Ela acreditava que através dele as mulheres poderiam prover sua subsistência, livrando-as de uma dependência humilhante. A educação seria o veículo para esse objetivo³⁰.

²⁵ Ibid, 37.

²⁶ Ibid.

²⁷ Soihet, “A pedagogia da conquista do espaço”, 97.

²⁸ Ibid. Grifo do autor.

²⁹ Lôbo, *Bertha Lutz*, 26-27.

³⁰ Soihet, *O feminismo tático de Bertha Lutz*, 28-29.

Provavelmente, foi a ideia dos “requisitos básicos” (espírito de iniciativa, trabalho e educação, citados anteriormente), algo muito claro em sua mente, bem como os objetivos práticos já traçados nesse sentido, que motivaram Bertha Lutz a retornar ao Brasil, após uma estada de sete anos na Europa para completar sua formação. Assim, quando ela obtém o diploma de ciências naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbonne) em 1918, regressa ao Brasil, para trabalhar de forma oficial como tradutora ao lado de seu pai, no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e, oficiosamente, na organização do Museu Zoológico dessa instituição. No entanto, Bertha, mesmo com tantas incumbências, não se afastou dos problemas sociais que a mulher brasileira enfrentava.

Aqui chegando, Bertha Lutz causa repercussão na imprensa devido sua inscrição para o cargo de secretário no Museu Nacional, ao qual concorre com outros candidatos do sexo masculino, sendo a única mulher inscrita no concurso público.

É ainda ao final de 1918 que uma das primeiras manifestações feministas de Bertha Lutz ocorre, através de uma carta enviada à sessão “Cartas de Mulher” na Revista da Semana que era um periódico ilustrado que fundado no Rio de Janeiro em 1900 voltado para conteúdos relativos à arte e à cultura à literatura à moda, entre outros. Em 1917, a revista tinha uma coluna intitulada “Jornal das Famílias”, que abordava temas mais estritamente ligados ao que era comumente considerado na época o universo feminino: bordados, costura, receitas, higiene, beleza, educação das crianças etc. Já a seção “Consultório da Mulher” era um espaço reservado às respostas às cartas das leitoras e à difusão de conselhos³¹.

Na carta, enviada por Bertha a revista, ela discorre acerca dos direitos das mulheres, e, conforme Soihet, “critica os homens pelo tratamento dispensado às mulheres que, sob a capa do respeito, tentavam mantê-las em permanente estado de infantilização”³². É enfática quando afirma que a responsabilidade pela situação na qual as mulheres se encontravam não ser só do homem, no entanto, grande parte era, pois tanto a política quanto as leis e instituições públicas eram geridas por eles³³. Bertha, acreditava que:

(...) cabia, contudo, às mulheres lutarem pela sua emancipação, como o fizeram inglesas e as francesas que durante a guerra havia dado mostras de

³¹ Taboada, Nery, & Marinho. “A revista da semana em perspectiva”, 2-8.

³² Soihet, 28.

³³ Ibid.

uma inteligência viva e uma energia indomável, no exercício de tarefas até agora ignoradas ou julgadas impossíveis para a mulher”³⁴.

Naquele mesmo ano, Bertha Lutz vem a reafirmar suas ideias quando marca sua posição na esfera pública nacional, ao preparar-se para o concurso de secretário do Museu Nacional, o que rendeu grande repercussão. O concurso de ingresso no Museu ocorreu em julho de 1919 e suscitou grande debate na imprensa, pois a participação em seleção pública como essa era ainda vedada às mulheres³⁵.

Alves descreve que Bertha acreditava não ter tido um bom desempenho na primeira prova, pensara desistir, mas sua mãe a aconselhou a seguir em frente, preocupada com as consequências que poderiam sofrer outras mulheres futuras candidatas³⁶.

A mãe de Bertha a incentivou a lutar pelo seu espaço com o argumento de que ela estaria abrindo caminhos para outras mulheres e, caso ela desistisse, isso seria um prejuízo para outras mulheres que tentassem passar em concursos depois dela. Bertha ouve a mãe e resolve ver o resultado da prova, descobrindo que havia passado até com uma boa nota³⁷.

Com o resultado positivo, Bertha Lutz assume o cargo de secretário do Museu Nacional em 1919, tornando-se a segunda mulher a ingressar no serviço público federal do País o que, segundo ela, foi uma vitória para o movimento feminista³⁸.

No mesmo ano, Bertha funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, com atuação jurídico-institucional, na qual se evidenciavam os princípios de educação para emancipação feminina, profissionalização e cidadania plena, incluindo os direitos civis e políticos.

Em 1922 a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher viria a ser substituída pela Federação Brasileira para o Progresso Feminino – FBPF, que tinha como objetivo promover as lutas jurídicas e políticas das mulheres da época.

Desde que fundou a LEIM, Bertha, que era presidente da entidade, procurou grupos femininos organizados internacionalmente, buscando orientações para legitimação e visibilidade à organização brasileira. Posteriormente, passou a se

³⁴ Ibid.

³⁵ Lopes, “Proeminência na mídia,” 05.

³⁶ Alves, Ideologia e feminismo: 104.

³⁷ Ibid.

³⁸ A primeira mulher a ingressar no serviço público foi Maria José de Castro Rebello Mendes, em concurso para 3º oficial da Secretaria de Estado das Relações Exteriores.

corresponder e a fazer parte de algumas organizações internacionais dedicadas à luta pela emancipação da mulher³⁹.

De fevereiro a abril de 1919, Bertha Lutz contribuiu com artigos ao Rio Jornal, na seção “Rio Femina”, no qual expunha suas ideias sobre o feminismo e foi importante referência para questões relacionadas às mulheres trabalhadoras.

Lopes ressalta que, nesses seus primeiros trabalhos, já estão presentes algumas principais características de seu feminismo, como a importância das redes de solidariedade inclusive, e principalmente, internacionais⁴⁰. Nessa perspectiva, Soihet enfatiza que, para Bertha Lutz, o acesso aos direitos políticos era essencial à obtenção de garantias com base na lei⁴¹.

1.2 A trajetória profissional

O primeiro cenário da carreira profissional de Bertha Lutz, conforme indicado na biografia escrita por Yolanda Lôbo, se inicia antes mesmo de sua entrada no Museu Nacional, como tradutora e encarregada de zoologia no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), referência nacional em pesquisa científica⁴².

Isso de certa forma lhe permitiu acompanhar as pesquisas e excursões do pai, além de se relacionar com a instituição onde ele trabalhava. Isso foi muito importante para o que viria depois, ou seja, a continuidade das pesquisas dele. Além disso, o fato de Bertha tê-lo acompanhado em vários momentos melhorou o desempenho de suas habilidades, e foi fundamental para o início de sua carreira. Suas atividades junto ao pai também lhe proporcionou uma rede de contatos, algo extremamente importante para quem pretende se inserir na comunidade científica.

Dessa forma, o vínculo paterno foi de suma importância para que Bertha fosse conhecida e reconhecida por seus trabalhos, em maior grau como feminista e em menor como naturalista, uma vez que sua obstinação em reunir os trabalhos de Adolpho Lutz a coloca com a imagem de filha, colaboradora, assistente e curadora. Assim, Bertha ocupou função central na vida de Adolpho Lutz quando este veio a adoecer e na sequência perde a visão, auxiliando-o em seus trabalhos científicos, inclusive, após seu falecimento em 1940.

³⁹ Karawejczyk, “O Feminismo em Boa Marcha”, 4. Bertha atuou na Organização Internacional do Trabalho (OIT), assumiu a vice-presidência da Comissão Interamericana de Mulheres, e foi designada delegada titular do governo do Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres da Organização dos Estados Americanos (OEA).

⁴⁰ Lopes, “Feminismos e construções de culturas científicas,” 2.

⁴¹ Soihet, *O feminismo tático de Bertha Lutz*, 31.

⁴² Lôbo, *Bertha Lutz*, 26.

Embora inicialmente fosse a botânica que em suas palavras “lhe atraia mais e especificamente, a área de sistemática”, é em zoologia que desenvolve a maior parte de sua pesquisa⁴³.

Sua trajetória no Museu Nacional, anterior a 1940, “perde em importância frente à condição de assistente no IOC, na qual Bertha parece, através do mestre, apoiar-se para sua própria inserção científica”⁴⁴.

Quando examinamos uma das cartas que Bertha Lutz enviou a seu pai, na ocasião em que ainda estudava em Paris, notamos que em várias passagens essa “prévia” condição de “assistente de seu pai”, já estava inclusive interiorizada e registrada. Destacamos então esse trecho de Bertha, citado por Benchimol:

Estou certa de que suas coleções são muito interessantes, e eu adoraria estar aí para ajudar. Você não gostaria que eu voltasse agora? Poderia, então, ajudá-lo, e seria muito gostoso ter o pequeno sítio ou casa. Não gosto que você esteja tão sozinho, e, além disso, tenho certeza de que aprenderia muito mais com você, na prática, do que na Sorbonne. Se você cogita em se aposentar dentro de alguns anos, parece-me conveniente que eu o auxilie agora e faça com você a parte prática de minha aprendizagem, sabendo que sempre terei a chance de estudar pelos livros. Um diploma não é absolutamente necessário. Depois de termos trabalhado por algum tempo, eu poderia coletar suficiente material para preparar uma tese. ... É uma pena você trabalhar sozinho quando poderia ajudá-lo. Veja, se eu continuar (os estudos), teria de trabalhar sozinha, também, quando você se aposentasse. Portanto, pense no assunto e decida. E não caia na ilusão de supor que não poderia regressar sozinha, porque posso⁴⁵.

No que diz respeito ao Museu Nacional é importante ressaltar seu papel como espaço formal de ciências, importante para a consolidação da categoria profissional dos cientistas, cumprindo um papel importante no acesso de mulheres ainda que de forma restrita e gradativa.

Prova disso é que, após o ingresso de Bertha Lutz por concurso, Heloisa Alberto Torres (17/09/1895 – 23/02/1977), filha do político e intelectual fluminense Alberto Torres, prestou concurso de provas para Professor-Substituto da Seção de Antropologia e Etnografia, que tinha como Professor-Chefe Edgard Roquette-Pinto. Foi aprovada com distinção, sendo nomeada para o cargo em dois de setembro de

⁴³ Lopes, Souza, & Sombrio “A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências”, 101-102.

⁴⁴ Sousa, “Educação e profissionalização de mulheres”, 14.

⁴⁵ B. Lutz, apud Benchimol, et al.: “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, História, Ciências, Saúde - Manguinhos 205.

1925, tornando-se a primeira mulher a ingressar como professora da Divisão de Antropologia e uma das primeiras mulheres funcionárias do conceituado museu⁴⁶.

Fluente em inglês e francês, Heloisa A. Torres iniciou os seus estudos no mesmo período que Bertha Lutz, e como esta, estudou por vários anos na Inglaterra. O que as difere, contudo, é que, enquanto Bertha se contentou com cargos subordinados, desde o início de sua profissionalização no IOC, depois no Museu Nacional no cargo de secretário, do outro lado, Heloisa ascendia em sua carreira, ingressando primeiramente como auxiliar de Roquette-Pinto, sendo efetivada como professora auxiliar em 1925, depois chefiou a seção de Antropologia e Etnografia de 1926 a 1931 e por fim atuou como vice-diretora entre 1935 e 1937, chegando a ser diretora de 1938 até 1955.

Já Bertha Lutz era constantemente designada em comissão a desenvolver trabalhos alheios às funções burocrático-administrativas de secretário do Museu, sendo sua situação alterada para naturalista apenas em 1937, decorrente de suas solicitações de ajustamento funcional. Conforme o Decreto nº 11.8 de 14 de janeiro de 1916, foram organizadas as seções do Museu bem como no Capítulo IV, do Pessoal do Museu, apresentava o quadro de funcionários e em seu artigo. 22 descrevia as atribuições do Secretário:

a) receber, preparar e instruir com os necessários esclarecimentos todos os papéis que tenham de subir ao conhecimento ou deliberação do diretor ou ser examinados pela congregação, fazendo sucinta exposição deles e interpondo a sua opinião; b) todo o serviço da competência da secretaria, previsto neste regulamento; c) lavrar as atas da seção da congregação e as dos concursos que tiverem lugar no museu; d) propor ao diretor todas as medidas que entender necessárias ao bom andamento dos trabalhos da secretaria; e) fiscalizar os trabalhos realizados na tipografia do museu; f) organizar o arquivo em colaboração com o bibliotecário⁴⁷.

No entanto, não se pode afirmar que Bertha Lutz sequer almejou um cargo condizente com sua formação, tendo em vista que os registros comprovam sua tentativa de deixar o Museu em 1923, pleiteando a vaga de Professor da Cadeira de Botânica na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, Departamento do Ministério da Agricultura.

⁴⁶ Em 1926, o professor Edgar Roquette-Pinto assume interinamente a direção e em 1927 foi confirmado no cargo, permanecendo até 1935.

⁴⁷ Sousa, "Educação e profissionalização de mulheres", 38.

Para isso apresentou a tese “Estudos sobre a biologia floral da *Mangifera Indica* L,” relacionada à flor da árvore mangueira, sendo classificada em primeiro lugar pela banca examinadora. Bertha concorreu com outros seis candidatos e, embora tenha recebido a maioria dos votos da mesa examinadora, sendo sua tese classificada em primeiro lugar, a votação pela Congregação da Escola elegeu o agrônomo Antônio Agesilau Bittencourt.

Percebendo-se injustiçada, Bertha recorre a uma rede de influência da capital paulista no intuito de alcançar o então presidente Washington Luís. Contatou por carta políticos, sanitaristas, deputados e ministros, na tentativa de obter a tão almejada e merecida vaga. Contudo, ao final de todos os seus esforços, o concurso foi anulado, não assumindo nem Bertha nem o candidato escolhido pela congregação da escola⁴⁸.

Não se sabe ao certo se Bertha Lutz foi impossibilitada de acessar a vaga em decorrência de sua formação ou em função de seu posicionamento feminista na mídia. Em um trecho registrado em carta, ela suspeita ser em razão de sua formação: “a Congregação da Escola elegeu outro candidato mais desejável por ser agrônomo”.⁴⁹ Isso claro, antes da anulação do concurso. Nem a formação e competência de Bertha em botânica nem as relações de seu pai no meio científico foram suficientes para “driblar” os costumes da época.

Autores, como a já aqui citada Lia Sousa, consideram essa fase como inicial, no que diz respeito a sua dedicação profissional à botânica, o que foi inclusive corroborado pela sua transferência para a Seção de Botânica do Museu Nacional em 1924⁵⁰.

Na referida seção, ela teve a oportunidade de trabalhar com Dr. Alberto José de Sampaio, que era então o Chefe da Seção de Botânica do Museu Nacional, permanecendo na função de secretária até 1937. Apesar disso, de 01 de fevereiro de 1927 a 31 de outubro de 1930, desempenhou a função de assistente no Jardim Botânico, no qual serviria em comissão.

⁴⁸ Tudo o que se sabe detalhadamente sobre o referido concurso, disposto em assentamentos particulares disponíveis no Museu Nacional ou mesmo o próprio fundo da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), no qual continha correspondências de contatos políticos da capital paulista com Adolpho Lutz, não foram consultados devido ao incêndio no Museu Nacional no ano de 2018. Assim foi necessário recorrer a estudos realizados antes do incêndio que citam tais documentos

⁴⁹ Trecho da Carta de B.Lutz a Washington Luis. 07/05/1929, apud Sousa, “Educação e profissionalização de mulheres”, 53.

⁵⁰ Sousa, “Educação e profissionalização de mulheres”, 56.

Todavia, há registros que datam de 1922, relacionados à sua participação na coleta de espécimes florais em excursões diversas, na organização de fichas e determinação de material, bem como no depósito de inúmeros exemplares no Herbário do Museu, colaborando com sua parte na formação das coleções dessa instituição⁵¹.

Embora tenha acompanhado as pesquisas de seu pai em zoologia desde o seu retorno ao Brasil, o que podemos observar até aqui é que Bertha buscava construir a sua identidade profissional como naturalista na área de botânica, tentando inclusive alinhar suas múltiplas atividades desenvolvidas até então. De fato, Bertha Lutz era incansável na busca de realizar tantas atividades de forma competente. Isso é evidenciado pelo fato de, para participar de maneira mais efetiva como presidente da Federação para o Progresso Feminino, ter ingressado no curso de direito da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1928, formando-se no ano de 1933.

Bertha vislumbrava no acesso ao voto uma forma de elaboração de leis mais equânimes para garantir o direito das mulheres. Assim, viu no cargo de deputada a possibilidade de contribuir para esse propósito. É então que se candidata ao referido cargo pela legenda do Partido Autonomista do Distrito Federal, ingressando como suplente, mas vindo a ocupar a vaga do titular devido à morte do candidato Cândido Pessoa em 1936. Sua atuação como deputada foi de julho de 1936 a novembro de 1937, quando teve início a ditadura de Getúlio Vargas. Durante os dezessete meses em que exerceu o mandato de deputada, Bertha ajudou a sustentar, entre tantas bandeiras, a do seu pai, que tratava sobre a profilaxia contra o mosquito que se supunha transmitir a lepra⁵².

⁵¹ Ibid., 59.

⁵² Embora Adolpho Lutz defendesse em seus estudos que algumas espécies de culicídeos transmitissem lepra, nunca conseguiu demonstrar experimentalmente.



Figura 1- Dia da posse no mandato de Deputada Federal, 28 de julho de 1936. Escadarias do Palácio Tiradentes, Rio de Janeiro.⁵⁴



Figura 2- Carteira de Deputada⁵³

No final do ano de 1937, depois de exercer seu curto mandato como Deputada na Câmara Legislativa Federal, Bertha Lutz volta ao seu trabalho no Museu, no cargo de Naturalista e no ano seguinte é promovida a Chefe de Seção. Em seguida, faz uma excursão pelo trajeto Rio-Minas a fim de coletar material para o museu. Apresentou seu último trabalho na área botânica, nesse mesmo ano e logo a seguir publica o primeiro de vários artigos no campo da zoologia, ao qual seu pai já se dedicava⁵⁵.

Após essa data Bertha se dedica, com maior perseverança, a dar continuidade às pesquisas do seu pai com foco na área de zoologia, com destaque aos anuros. Contudo, o incêndio do Museu Nacional, ocorrido em 2018, consumiu relatórios, correspondências, entre outros documentos. O que restou foram materiais produzidos anteriores ao incêndio relacionado à vida de Adolpho Lutz.

Dentre esses materiais, encontram-se volumes da coleção Adolpho Lutz que foram totalmente digitalizados e ficaram prontos antes do grande incêndio de 2018. Esses documentos citam artigos em coautoria entre Bertha Lutz e seu pai, bem como outros redigidos somente por Bertha Lutz sobre os quais foi desenvolvida parte desta pesquisa, como será visto adiante.

⁵³ Origem: www.feminismo.org.br

⁵⁴ Origem: Museu Nacional/ Projeto Semear

⁵⁵ Sousa, "Educação e profissionalização de mulheres", 63.

1.3 Em direção ao voto

O século XIX teria, em toda parte, acalentado uma crença nas esferas isoladas da feminilidade e da masculinidade que chegaria aos extremos de um de um debate religioso acalorado. Nesse clima gerou-se uma grande discussão em torno da categoria “cidadão brasileiros”, da qual muitos homens alegavam que as mulheres não faziam parte.

Diante dessa ambiguidade, a advogada Myrthes de Campos, requer seu alistamento eleitoral, sob o argumento de que a Constituição não negava esse direito às mulheres. Seu requerimento foi indeferido. Sob o mesmo argumento a professora Leolinda Daltro também entra com o mesmo pedido de alistamento, igualmente negado.

É quando, em 1910, Leolinda Daltro funda o partido Republicano Feminino, com o intuito de retomar as discussões sobre o voto das mulheres no Congresso. Inicia-se o que se conhece na literatura como a primeira forma organizada de campanha pelo voto feminino.

Daltro consegue reunir em 1917 uma passeata composta por 84 mulheres, o que, para a época, foi algo que a população do Rio de Janeiro encarou com assombro. Supõe-se que esse movimento pode ter contribuído para que o deputado Mauricio de Lacerda apresentasse na Câmara um projeto de lei sobre o sufrágio feminino. Pode também ter levado Justo Chermont a apresentar um projeto semelhante em 1919. Isso contribuiu para que grupos feministas continuassem a acompanhar as votações que lhes eram de interesse⁵⁶.

Estava então formada a trilha que as próximas gerações de mulheres iriam percorrer a partir dali. Teriam que se organizar de forma a combater os argumentos vigentes contra a autonomia feminina, regados pela moral que apelava para a perda dos valores da família, que seria comprometida, caso essa “autonomia” beneficiasse a mulher, além de serem respaldados pela ciência da época, que era sinônimo de verdade absoluta. Esse pensamento foi nutrido por grande parte da sociedade da época, em sua maioria homens, mas também por mulheres. Lombroso e Ferrero não fogem desse campo de análise, em que para eles a maternidade é o fator mais importante no que diz respeito a mulher. É essa função biológica feminina que

⁵⁶ Alves, *Ideologia e feminismo*, 95-96.

funciona como fio condutor de sua tese. Ser ou não mãe é fundamental para entender a mulher normal, a criminosa e a prostituta. A negação a maternidade pode ser vista como um desvio de conduta⁵⁷

Quando Bertha Lutz inicia sua campanha pelo voto, o cenário posto era este. Dessa forma, ela teve cuidado ao demonstrar a moderação presente em seu discurso. Afirmava que não pretendia formar uma associação de *suffragettes*, que ameaçavam quebrar vidraças das lojas nas avenidas, fazendo menção ao feminismo inglês, ao qual demonstrava total distanciamento e clara oposição⁵⁸. Esse posicionamento por parte de B. Lutz é considerado como feminismo bem-comportado por alguns autores e, por outros, como estratégico.

Na ocasião em que Bertha Lutz coordenava a organização de uma associação feminista, considerada imprescindível como elemento de articulação, idealizou ainda um grupo específico de mulheres, de forma que não só seriam ouvidas, como também respeitadas. Inicialmente eram mulheres cultas e ricas que ela consegue reunir para fundar a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher- LEIM: Isabel Imbassahy Chermont, Stella Guerra Durval, Júlia Lopes de Almeida, Jerônima Mesquita, Valentina Biosca, Esther Salgado Monteiro, Corina Barreiros⁵⁹. Posteriormente mulheres de outras classes sociais viriam a compor o movimento.

Assim foi fundada a LEIM, concebida para estudar os diferentes aspectos do movimento feminista e lutar pelos direitos femininos, para que se fizessem reconhecidos, bem como pela ampla participação da mulher na vida pública, sendo a principal marca do movimento a tenacidade. Entre as demandas dos grupos de mulheres do início do século XX estavam pedidos de educação de qualidade para as mulheres, condições de trabalho mais justas, acessos a cargos públicos e reivindicações sobre direitos civis e políticos.

As associadas da LEIM lançavam mão de táticas que lhes permitiam reempregar os signos da dominação, marcando resistência. Assim, faziam pronunciamentos públicos, utilizando-se fartamente da imprensa, buscavam o apoio de lideranças nos diversos campos, constituindo grupos de pressão, visando garantir

⁵⁷ Cesare Lombroso é considerado um dos pioneiros da criminologia positivista. Lombroso revolucionou a antropologia criminal e suas ideias foram grandes influenciadoras da Escola Positivista de Direito Penal. Guglielmo Ferrero foi um jornalista, historiador e novelista italiano, e ajudou C. Lombroso a escrever o livro "Criminal woman, the prostitute, and the normal woman (1893)". Mulher criminosa, prostituta e a mulher normal – Tradução Livre.

⁵⁸ Soihet, 29.

⁵⁹ Lôbo, *Bertha Lutz*, 28.

apoio de parlamentares e de outras autoridades, da imprensa, da opinião pública. Para conseguir alcançar seus objetivos, as associadas enviavam telegramas para os políticos, reuniam-se com pessoas de destaque, participavam e elaboravam palestras com o intuito de apresentar a associação e as suas reivindicações⁶⁰.

Desde a sua fundação, a Liga buscava pressionar os políticos para a aprovação de demandas femininas, e a posição social das associadas facilitou a recepção da LEIM na sociedade da época, pois, as mulheres que dela participavam poderiam levar suas reivindicações diretamente aos homens de poder que faziam parte de seu ciclo social⁶¹.

De modo geral, a Liga era também a realização de um sonho de Bertha, até porque com a sua criação, a aceitação dessa entidade em espaços formais de poder tornou possível alcançar muitos direitos femininos.

O movimento feminista contou como aliado com o senador Justo Chermont que teve seu projeto em favor do sufrágio feminino aprovado em primeira votação pela Comissão de Constituição e Justiça em maio de 1921, recebendo parecer favorável do Senador Lopes Gonçalves.

Ocorre que a Lei vigente estabelecia que, para mudança de matéria constitucional, o projeto de reforma deveria passar por três discussões nas duas casas. Foi discutido e aprovado em 1921 pelas duas casas, voltou a ser debatido pelo Senado somente em 1927, sem chegar a ser votado, e foi instituído por decreto em 1932, sendo confirmado pela Constituinte só em 1934.

⁶⁰ Karawejczyk, "O Feminismo em Boa Marcha", 3.

⁶¹ Ibid.



Figura 3

Charge mostra a resistência ao voto feminino / *O Malho*, 23 de junho de 1917 /Edição 0771 - O Malho (RJ) - 1902 – 1953.⁶²

É importante salientar que, ao ir para segunda votação na Comissão de Justiça que, em sua composição, tinha maioria contrária ao reconhecimento do voto feminino, esses projetos enfrentaram iniciativas de postergar sua aprovação.

Um fato em particular poderia dar a visibilidade ao movimento feminista, colocando-o nos holofotes da imprensa e endossando o número de apoiadores ao sufrágio feminino. Em 1922, em meio a inúmeros eventos culturais e políticos que ocorriam no país, um em particular chamou a atenção da imprensa: a Conferência Pan-Americana de Mulheres que foi amplamente noticiada pelos jornais da época.

A conferência aconteceu na cidade de Baltimore, Estados Unidos, local que reuniu cerca de 2.000 mulheres. Bertha Lutz estava entre as representantes dos 22 países presentes, pois foi escolhida como representante oficial do governo brasileiro, sendo incumbida, mais precisamente pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Assim, Bertha Lutz viajou para os EUA com a missão de permutar material científico, visitar e estreitar a relações com os museus e instituições de ensino⁶³.

Nessa ocasião B. Lutz também fez contato com membros da NAWSA (National American Women Suffrage Association), aproximando-se da vertente conservadora que tinha assumido a liderança naquele país. A líder estadunidense do movimento, Carrie Chapman Catt, foi a sua mentora, além de ter colaborado na elaboração dos

⁶² Charge disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=34623> -acesso em 18/09/2023

⁶³ Sousa, “Educação e profissionalização de mulheres”, 71-72.

estatutos da nova associação no Brasil: a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, FBPF, que substituiu a Liga, fundada anteriormente, e que passou a ser a filial brasileira da Associação Pan-americana.

Entre as metas dessa Associação destacavam-se: o aprimoramento do ensino para mulheres, medidas legislativas destinadas à proteção feminina, a aprovação do voto feminino e o estreitamento de relação entre as mulheres de todos os países da América.



Fig. 5

Líder feminista Carrie Chapman Catt (1859 – 1947) na I Conferência Panamericana de Mulheres, realizada em Baltimore, Estados Unidos, entre os dias 20 e 23 de julho de 1922⁶⁴.

Além desse saldo positivo a Conferência proporcionou, por meio das representantes latino-americanas, a fundação da Associação Pan-Americana de Mulheres, (a qual Carrie Chapman Catt seria a presidente e Bertha Lutz foi indicada como vice-presidente) estabelecendo-se que em cada país latino-americano haveria uma Associação Nacional, subdividida em associações estaduais, de acordo com a constituição dos referidos países.

Quando retorna ao Brasil, Bertha se empenha em concretizar os planos elaborados durante sua viagem, fundando várias filiais no Brasil, criando a Federação para o Progresso Feminino (FBPF) no lugar da Liga para Emancipação Feminina (LEIM) e a elaboração de um hino próprio que era executado sempre no início das reuniões do grupo.

⁶⁴ Acervo Arquivo Nacional. Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/11341> - acesso em 19/09/2023

Uma das estrofes desse hino deixa clara a idealização do papel de mãe, como ideal feminista:

Desde a origem das coisas do mundo. Sempre foi meu mais alto labor. Sendo Mãe dar um gesto fecundo. As crianças e as Mães todo amor. Todas juntas na conquista. Deste novo sagrado mister. Que é a essência do ideal feminista. Tudo à mulher pela mulher!⁶⁵.

Isso evidencia como a sociedade centralizava o papel da mulher na família, o que demonstra o contexto da sociedade na qual estavam inseridas, bem como o direcionamento desse movimento às mulheres da classe dominante, que podiam se dedicar exclusivamente aos filhos e ao lar.

Apesar do movimento ser feminista, tanto a FBPF quanto Bertha Lutz e suas colaboradoras, também faziam parte dessa sociedade, logo não questionavam o fato de se atribuir às mulheres a total responsabilidade pelas atividades domésticas e pela socialização dos filhos.

“Tanto as associadas da FBPF quanto outras mulheres da época consideravam o espaço doméstico como próprio da mulher”⁶⁶. É sempre bom lembrar que a família representava o alicerce da sociedade e que sua estruturação dependia da ação direta da mulher que era considerada a principal responsável pelo seu sucesso ou seu fracasso.

A historiadora Linda Kerber chamou essa ação de *Republican Motherhood*. A maternidade republicana era a ideologia que representava o papel das mulheres antes, durante e depois da Revolução norte-americana⁶⁷. A ideia principal era que as filhas e as mães deveriam ser ensinadas a defender ideais republicanos, que seriam passados às gerações seguintes.

Paradoxalmente, essa ideia separava as mulheres dos homens, no sentido de que a educação das mulheres era incentivada para que tivessem condições de passar os “ideais republicanos” de forma adequada, o que permitia seu envolvimento político, mas não que exercessem atividade política fora do âmbito feminino, ou seja, a mulher não se igualaria ao homem.

⁶⁵Hino Feminista, 1922, apud Karawejczyk, 6.

⁶⁶ Karawejczyk, “O Feminismo em Boa Marcha”, 6.

⁶⁷ Kerber, “The Republican Mother”, 03.

“Desse modo, qualquer mudança no comportamento feminino era considerada não apenas uma ameaça à permanência dos padrões rigidamente atribuídos aos gêneros, e ainda de modo geral, ao próprio ‘bom funcionamento’ da sociedade”⁶⁸.

Bertha Lutz sabia disso quando propôs uma organização de mulheres socialmente reconhecidas. Ela argumentava sobre a importância da mulher no cenário político, sempre enfatizava que não era para competir, mas para elevar a nação ao mais alto status de desenvolvimento.

Contudo, Sombrio observa que a defesa da educação feminina para aprimorar o papel de mães e donas de casa em prol o progresso do país era específico de alguns grupos de atuação política, representando uma forma estratégica de retórica para alcançar os seus objetivos. Bertha Lutz adotou esse discurso em vários momentos, mas seu feminismo mostrou formas diferentes ao longo de sua vida.⁶⁹

Talvez por esse motivo Bertha tenha optado por seguir o modelo americano de movimento feminista e não o europeu. Na própria Conferência de Baltimore, Bertha deixa claros seus objetivos quando, por meio da orientação de Carrie Chapman Catt (presidente da NAWSA), foi elaborado um novo estatuto para o que viria a ser a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, nos moldes da NAWSA.

Conforme Alves, “outra ação conjunta entre elas foi o planejamento e a execução de uma conferência no Brasil”⁷⁰. Segundo Bertha, a ideia de fazer uma conferência surgiu durante o período que ficou nos Estados Unidos, e num diálogo com Carrie Catt, teria questionado:

Eu perguntei a ela como se fazia um congresso, e ela disse: Vocês fazem assim: vocês convidam um político de proeminência para a sessão de abertura e outro para sessão de encerramento. Nós dirigimos, eu falo você fala, mas precisa ter um homem de projeção para dar importância⁷¹.

Quando Bertha retorna ao Brasil, coloca seus planos em ação, oficializa a criação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, além de dividir as tarefas entre as sócias e criar um estatuto, expondo os fins da Federação:

⁶⁸ Rago, *Outras falas*, 82.

⁶⁹ Sombrio, “Traços da participação Feminina”, 37.

⁷⁰ Alves, *Ideologia e feminismo*, 111.

⁷¹ B. Lutz, apud Alves “Ideologia e feminismo”, 111. Entrevista pessoal de Bertha Lutz com a autora.

SEUS FINS:

1.º — Promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina.

A mulher é a educadora do homem: instruí-la e elevar-a moralmente é, portanto, o primeiro passo para uma reforma da sociedade brasileira.

2.º — Proteger as mães e a infância.

Não seria empreendimento de mulher o que esquecesse a maternidade. Defendê-la, protegendo a mãe e o filho, é um ponto essencial do programma feminista.

3.º — Obter garantias legislativas e praticas para o trabalho feminino.

Concorrendo com o homem, egualando-o, quando não o excede, na eficiencia do trabalho, a mulher é, no emtanto, a victima dos salarios minimos. Fazer desaparecer a desigualdade dos salarios entre os sexos equivale a pugnar pela justiça.

4.º — Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientar-a na escolha de uma profissão.

Se mesmo para um rapaz é difficil triumphar na vida, muito mais será para uma moça. Na escolha de uma profissão ella não deverá dispensar conselho e auxilio. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino está prompta a prestar-lh'os.

5.º — Estimular o espirito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessal-as pelas questões sociaes e de alcance publico.

A influencia feminina nas questões de interesse geral não se fará sentir sem a coordenação dos esforços. Reunir todas as mulheres esclarecidas, afim de discutirem essas questões e assentarem ideias, é mais um serviço prestado á collectividade pelo movimento feminista.

6.º — Assegurar á mulher os direitos politicos que a nossa Constituição lhe confere e preparal-a para o exercicio intelligente desses direitos.

Não considerando a obtenção dos direitos politicos femininos um fim, mas um meio das mulheres realizarem as suas aspirações e tornarem effectiva a sua participação nos negocios publicos; pelejando por elles e, pouco a pouco, conquistando-os, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino orgu ha-se de um dos seus mais altos ideaes.

7.º — Estreitar os laços de amizade com os demais paizes americanos, afim de garantir a manutenção perpetua da Paz e da Justiça no Hemispherio Occidental.

O pacifismo é um principio que a experiencia da guerra e a cultura moral impõem á humanidade. Mas, quando não o impuzessem esses imperativos, bastaria a função natural da mulher, que é dar a vida, para se constituirem em defensores intransigentes da paz, que a conserva.

Revista da Semana, 2 de julho de 1932⁷²

Os dois pontos cruciais que permeiam as lutas do movimento são: a educação e o direito ao voto das mulheres. Todos esses pontos podem ser observados com maior profundidade, na publicação do periódico semanal Revista da Semana, de 02 de julho de 1932. Todas as batalhas jurídicas e políticas que viriam, seriam principalmente em prol desses dois pontos⁷³.

Nesse cenário, ocorre a I Conferência pelo Progresso Feminino entre os dias 19 e 23 de dezembro de 1922 no edificio Syllogeu, do Instituto dos Advogados, no Rio de Janeiro⁷⁴.

⁷² Revista da Semana (RJ) – 1930 a 1939, ano 1932/Edição 00029 – Fonte:

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pagfis=5661

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Karawejczyk, "O Feminismo em Boa Marcha", 8.



Figura 6

I Conferência pelo Progresso Feminino, no Instituto dos Advogados, dezembro de 1922. Rio de Janeiro, RJ / Acervo Arquivo Nacional⁷⁵

O evento contou com a participação de Carrie Catt, que visitava um país sul-americano pela primeira vez e foi a personalidade estrangeira mais prestigiada. Outras personalidades estrangeiras que estiveram presentes foram Ana de Castro Osório, de Portugal e Elisabeth Babcock de Nova York, Van Lennep (EUA), Rosette Susana Anus (Holanda), Srta. Pidgeon (Departamento Nacional de Agricultura de Washington), Sra. Abels (Liga pelas Relações Pacíficas Internacionais)⁷⁶.

A Conferência contou também com uma significativa delegação brasileira representando Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe, Pará, Santa Catarina, Amazonas, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Paraná, além de entidades como a Cruzada Nacional contra a Tuberculose; o Centro Social Feminino; a Liga de Professores; a Cruz Vermelha; a Legião da Mulher Brasileira; a União dos Empregados do Comércio. Marcou presença também Nair Coimbra, filha do vice-presidente da República Estácio Coimbra, senadores, deputados, médicos e advogados e, como presidente de honra, a escritora, jornalista, iluminista, abolicionista, defensora da educação e das ideias feministas, Julia Lopes de Almeida⁷⁷.

⁷⁵ <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/11333>- acesso em 19/09/2023.

⁷⁶ Monteiro, "Série 1922". Brasiliana fotográfica, 2022.

⁷⁷ Ibid.



Figura 8

Participantes da I Conferência pelo Progresso Feminino. À frente encontram-se Julia Valentim da Silveira Lopes Almeida, Margarida Lopes de Almeida, Carrie Chapman Catt, Bertha Lutz, Rosette Susana Manus, Jerônima Mesquista, Vernon Morgan, 1922. Rio de Janeiro, RJ / Acervo Arquivo Nacional⁷⁸



Figura 9

Carrie Chapman ladeada por Bertha Lutz e Julia Lopes de Almeida, I Conferência pelo Progresso Feminino, 1922. Rio de Janeiro, RJ / Acervo Arquivo Nacional⁷⁹.

A tese geral da conferência foi “a colaboração da Liga pelo Progresso Feminino na educação da mulher no bem social e aperfeiçoamentos humanos” e apresentava como um de seus objetivos “deliberar sobre questões práticas de ensino e instrução feminina”⁸⁰.

Assim, o tema educação configurou-se como transversal da conferência. A inclusão social das mulheres no espaço público por meio da educação as tornava mais capazes de pleitear o direito ao voto, incrementava os direitos sociais e políticos de

⁷⁸ <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/11337->

⁷⁹ <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/11336>

⁸⁰ Ibid.

uma parcela significativa da população que havia sido historicamente excluída da esfera pública.

Os temas escolhidos para serem debatidos na conferência, isto é, a forma como a questão da emancipação feminina estava sendo pensada pelo grupo, expõem as estratégias utilizadas e que acabaram por consolidar a imagem de representantes no Brasil.

Cabe ressaltar ainda que a Conferência também contou com a presença de alguns políticos importantes do período, entre eles o Vice-Presidente da República, o senhor Estácio Coimbra, os senadores Lopes Gonçalves e Lauro Muller, favoráveis ao sufrágio feminino.

Em sua fala o Senador Lauro Muller defendeu o voto feminino pronunciando as seguintes palavras:

“(...)se o voto é um direito já outorgado pela Constituição, por que as mulheres teriam que passar por todo um processo de provas, a fim de fazer jus a esse direito? Minhas Sras., os homens são como os carneiros. Um vai à frente, os demais vão atrás. As senhoras têm que furar a cerca. Procurar um governador de Estado que fure a cerca, que dê voto às mulheres no Estado dele, e atrás disso vão todos os Estados da Federação”⁸¹.

Ainda segundo Nunes e Bonini, a FBPF consegue formar filial em outros estados e organizar outras conferências com o objetivo de manter o assunto em discussão⁸².

Entretanto, surgiram dois novos projetos apresentados à Câmara em 1924. Em sua configuração os projetos admitiam as mulheres entre os eleitores, no entanto, incluíam uma cláusula na qual era exigida a autorização do marido para a mulher casada.

Em entrevista concedida à Revista Vanguarda, em 17 de julho e posteriormente em dezembro de 1924, questionada sobre a restrição ao voto para a mulher casada, Bertha responde:

Tal exigência era contrária ao espírito da nossa legislação civil e ao espírito da época. Mais tarde, reitera sobre a inconstitucionalidade e ilogismo sobre tal exigência, pois o voto constituía um dever não podendo ficar na

⁸¹ Muller, apud Nunes, & Bonini, “Bertha Lutz e a conquista do voto feminino no Brasil”, 10 e 11.

⁸² Ibid.

contingência de uma permissão, além do que cabia a mulher orientar sua conduta por si própria conduzindo-se pelo seu próprio cérebro⁸³.

Em 1926, estava em debate no Congresso Nacional uma emenda que tratava do voto feminino. O descompasso entre o texto constitucional e a realidade social se tornava cada vez mais evidente. Foi então aprovada pelo Congresso uma revisão constitucional, encabeçada pelo então Presidente da República Arthur Bernardes, sem que houvesse modificação dos artigos que tratavam do rol de pessoas que podiam pleitear o alistamento eleitoral.

Por mais que a Emenda que alterou a Constituição de 1926 não tenha inserido a possibilidade do voto feminino, ela abriu uma brecha para que, no Rio Grande do Norte, fosse aprovada uma nova legislação eleitoral estadual que se adequasse à revisão constitucional de 1926, o que ocorreu em 1927. Foi criado um artigo permitindo o voto feminino, o que fez com que a mobilização para o sufrágio feminino se intensificasse ainda mais. Portanto, o Rio Grande do Norte foi o primeiro estado brasileiro a conceder o voto às mulheres⁸⁴.

Depois disso, Bertha Lutz e Carmen Portinho “executaram um voo sobre a capital federal, jogando panfletos sobre o senado e a cidade”⁸⁵. Fizeram o mesmo no Rio Grande do Norte e em outras oito capitais. Esse feito foi amplamente divulgado pela imprensa⁸⁶.

No ano de 1929 continuam se alistando eleitoras em Minas Gerais, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro. Alguns pedidos são indeferidos e a FBPF entra com recursos nos casos de impugnação de títulos.

⁸³ B. Lutz, “A mulher na Comunhão Política do Brasil”. Em: A Vaguada, 17 de dezembro 1924, apud Soihet, O *feminismo tático*, 41-42.

⁸⁴ D’Alkmin & Amaral, “A conquista do voto feminino no Brasil”, 6.

⁸⁵ Nunes & Bonini, 12.

⁸⁶ Ibid.



Figura 10

Bertha Lutz (1894 – 1976) na cidade de Natal, um dos locais em que fez campanha pelo voto feminino, 1928. Natal, Rio Grande do Norte / Acervo Arquivo Nacional⁸⁷

Em outubro de 1930 Getúlio Vargas tomou o poder e a decisão do Regime Provisório foi favorável à criação de um novo Código Eleitoral que fornecesse oportunidade e garantia do voto a todas as brasileiras⁸⁸.

No final de agosto de 1931, o Governo Vargas liberou um Código Provisório que concedia voto limitado às mulheres, mas devido aos protestos de grupos feministas diante das restrições impostas, o próprio Getúlio Vargas reavalia o Código Eleitoral.

Em 24 de fevereiro de 1932 é decretado o Novo Código Eleitoral que concedia voto às mulheres sob as mesmas condições que os homens.

⁸⁷ <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/5030>

⁸⁸ D'Alkmin & Amaral, 7.

Capítulo 2. Bertha Lutz: filha, cientista e feminista



Fig. 11

Adolpho Lutz e a filha Bertha, no laboratório de Manguinhos/ Reprodução/Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, DAD, Setor Iconográfico.⁸⁹

Quando consideramos a biografia de Bertha Lutz fica perceptível que a sua trajetória profissional foi traçada para que, no futuro, se tornasse a assistente de seu pai, Adolpho Lutz. É importante recordar que Bertha fez os estudos superiores em Paris, onde viveu com sua mãe Amy e irmão Gualter, durante a Primeira Guerra Mundial.

Separado da família, devido à guerra, Adolpho Lutz enclausurou-se no castelo de Manguinhos, entregando-se, dia e noite, à leitura, aos trabalhos de laboratório e a ocasionais excursões para coletar material para suas coleções.

⁸⁹ <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=989&sid=32>



Fig. 12

Cientistas de Manguinhos em 1908, em frente à Casa de Chá, em Manguinhos. Sentados, da esq. para a dir: Carlos Chagas, José Gomes de Faria, Antônio Cardoso Fontes, Gustav Giemsa, Oswaldo Cruz, Stanislas von Prowazek e Adolpho Lutz. Em pé, Arthur Neiva, Henrique de Rocha Lima, Henrique de Figueiredo Vasconcellos, Henrique Aragão e Alcides Godoy/ Reprodução/Foto J. Pinto. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, DAD, Setor Iconográfico⁹⁰

Quando a guerra acaba, Bertha e sua família retornam ao Brasil onde poderia, enfim, assumir a condição de assistente do seu pai no Instituto Oswaldo Cruz na sessão de zoologia de forma oficiosa, pois foi contratada como tradutora, maneira pela qual se utilizou para colocar-se ao lado do pai e auxiliá-lo em suas pesquisas.

Nessa época, Adolpho Lutz, com mais de sessenta anos, era altamente reconhecido entre os seus pares, e tido como incomparável entre os médicos brasileiros, por suas notáveis realizações, algo que, segundo Benchimol, ele próprio reforçava⁹¹.

Após ser aprovada no concurso para o cargo de secretário, Bertha se dedica com igual devoção às pesquisas no Museu Nacional, a auxiliar seu pai e na formação de uma organização feminista que pudesse atrair a atenção da mídia e dos políticos, de forma organizada e pacífica, sendo a marca inicialmente da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que, como já mencionado, viria a se tornar posteriormente a Federação Brasileira para o Progresso Feminino.

⁹⁰ Ibid.

⁹¹ Benchimol, et al., 206.

Unindo o movimento feminista organizado que liderava com seu registro institucional científico, Bertha reivindicou educação e profissionalização para as mulheres, atenção à preservação da flora e fauna nacionais, sem deixar de mencionar o debate que promoveu ao tratar sobre a garantia de direitos iguais entre homens e mulheres quanto à nacionalidade, cidadania, representação, exercício de cargo público, sem distinção de estado civil e sexo, licença de três meses para a funcionária gestante sem prejuízo de vencimentos, proteção à mãe operária e igualdade salarial.

Enquanto funcionária do Museu Nacional suas funções se estenderam às áreas de Botânica, Museologia, Educação até Zoologia.

Como recém-ingressante do Museu Nacional, “uma das primeiras atividades de Bertha Lutz foi organizar o índice “por títulos e autores” dos artigos publicados pelo periódico *Archivos do Museu Nacional* desde o primeiro volume, de 1876, até o então presente (1919)”⁹². Na década de 1920, há publicações suas avulsas relacionadas ao Herbário do Museu Nacional, demonstrando desde o início de sua carreira como “secretário” do Museu Nacional, a relevância de seus trabalhos na área de botânica, bem como para reunir material botânico. Em 1921 desenvolveu um extenso volume de atividades burocráticas, como consta em seus relatórios de trabalho entregues no referido ano⁹³.

Em sua dissertação, Lia G. P. de Sousa aponta que “Bertha Lutz possuía habilitações que não eram comuns mesmo entre os homens no Brasil, considerando-se a seleta comunidade científica e intelectual da sociedade de então”⁹⁴.

“Além da formação na tradicional universidade francesa, dominava com fluência aquela língua estrangeira, bem como o inglês e o alemão, competências extremamente valorizadas para a secretaria de uma instituição científica”⁹⁵. Somado a isso, o fato de ter Adolpho Lutz como seu pai, corroborou para que tivesse um trânsito reconhecido dentro da comunidade científica, desempenhando funções que iam além das atribuições burocrático-administrativo do seu cargo no Museu.

Essas particularidades da formação de Bertha Lutz permitiram que, desde o início de sua carreira, fosse designada inúmeras vezes a desenvolver trabalhos

⁹² Sousa, “Educação e profissionalização de mulheres”, 50.

⁹³ *Ibid.*, 50-51.

⁹⁴ *Ibid.*, 33.

⁹⁵ *Ibid.*

alheios às funções de seu cargo de “secretário”, tais como o levantamento de coleções botânicas para o Museu Nacional e o intercâmbio cultural entre os museus ao redor do mundo, o que possibilitou a troca de material entre as instituições, durante suas viagens para o exterior.

Enquanto permaneceu nos Estados Unidos na ocasião da Conferência Pan-Americana, Bertha Lutz fez uma excursão pessoal ao *Gran Canyon* (Colorado) e colheu plantas que seriam oferecidas à sessão de botânica do Museu Nacional. Em seus trabalhos há menções sobre as árvores frutíferas das regiões tropicais e subtropicais cultivadas em épocas variadas e em diferentes estações experimentais do governo norte-americano.

Sousa relata a visita de Bertha Lutz no ano de 1922 às estações experimentais norte-americanas, observando com destaque as espécies brasileiras e fazendo, inclusive, um comparativo com o que se tinha no campo da documentação bibliográfica nacional⁹⁶. A autora também descreve, com riqueza de detalhes, sobre as observações realizadas por Bertha durante esse período nos EUA.⁹⁷

Sobre o acervo bibliográfico, Sousa ressalta que “Bertha prosseguia com muito esforço preparando uma relação de revistas e publicações periódicas em botânica que o Museu Nacional possuía e relacionando as faltantes para sua obtenção”⁹⁸.

É relevante destacar que desde o início de sua carreira, Bertha Lutz esteve mais voltada para a pesquisa em Botânica, sendo seu primeiro estudo naturalista uma tese sobre a flor da popularmente conhecida árvore da mangueira, apresentada para pleitear o cargo de Professor de Botânica em 1923, vindo a ser reimpressa nos Archivos do Museu Nacional em 1926.

Bertha justifica a pesquisa com base na utilidade agrícola dessa espécie para o Brasil e para outros países tropicais, sendo que a única literatura que existia até aquele momento era o trabalho de uma outra mulher, Alda Pereira da Fonseca, cujo estudo sobre a cultura da mangueira foi apresentado à Sociedade Nacional de Agricultura⁹⁹.

⁹⁶ Ibid., 60.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ibid., 61.

⁹⁹ Ibid., 55.

Bertha enfatizou a autoridade de Alda no assunto, além de “enaltecer sua capacidade feminina”¹⁰⁰. É importante destacar que Alda também fazia parte da Federação Brasileira para o Progresso Feminino.

A partir daí Bertha utiliza como método as observações macroscópicas no campo e no laboratório, bem como o “exame a olho armado” – as diversas técnicas empregadas por ela para o preparo do material e o domínio da bibliografia a respeito demonstram suas habilidades no campo científico, que vão além de sua função na secretaria do Museu¹⁰¹.

Não deixa também de citar e se utilizar-se dos trabalhos de seu pai, Adolpho Lutz, adaptando para a Botânica, o preparo técnico introduzido por ele em Zoologia, como o uso do fenol ou dos tubos capilares para a observação microscópica¹⁰².

Em 1933, Bertha participa como representante oficial do governo brasileiro da VII Conferência Internacional Americana, realizada em Montevideu, em atendimento ao convite do Bureau Internacional do Trabalho da Sociedade das Nações, para tomar parte da comissão de peritos sobre condições de trabalho feminino. Sua participação, contudo, se deu de maneira modesta como conselheira técnica. Nas palavras de Marques “ela teve que conquistar o espaço político no meio diplomático, contando para isso com o amparo do capital político familiar, e o apoio incondicional do Dr. Carlos Chagas, que foi nomeado delegado plenipotenciário da Conferência”¹⁰³.

Bertha vislumbrava neste tipo de evento a possibilidade de estreitar laços com os movimentos feministas de outras partes do mundo, além de obter ganhos políticos, uma vez que compromissos assumidos no exterior viravam notícia através da imprensa o que era positivo para o movimento feminista¹⁰⁴.

Entre os vários assuntos a serem discutidos na Conferência o que chamava a atenção das feministas era: a reforma dos direitos das mulheres nas Américas.

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ O Capítulo IV, do Pessoal do Museu, apresentava o quadro de funcionários e em seu artigo 22 descrevia a função de secretário, conforme página 25 deste presente trabalho.

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ Marques, “Entre o igualitarismo e a reforma dos direitos das mulheres”, 2.

¹⁰⁴ Ibid., 15-16.

Conforme descreve Marques “A defesa dos direitos das mulheres no Continente compunha uma parcela da diplomacia cultural norte-americana desenvolvida nos anos 1920”¹⁰⁵.

Ao final, Lutz colheu vitórias de sua participação na reunião no Uruguai. Ela propôs com sucesso que os países assumissem o compromisso de nomear delegadas para as conferências interamericanas dos anos seguintes, além de ter recebido expressiva cobertura da imprensa carioca.

Na vasta agenda de compromissos de Bertha, além de atuar como funcionária do Museu Nacional e presidente da Federação para o Progresso Feminino, ela auxiliava seu pai, que devido à idade avançada estava gradativamente perdendo a visão. Na qualidade de filha e pesquisadora, Bertha o amparava na leitura de artigos, na interpretação de lâminas microscópicas e escrevendo textos que ele ditava. Isso a aproximou da zoologia, área à qual daremos destaque nesta pesquisa, em especial aos anuros.

2.1. Trabalhos em coautoria

Segundo Caramaschi e Pombal, “até o início do século XX, praticamente todos os estudos que passavam pela flora e a fauna e, em específico, o de anfíbios e répteis brasileiros foram realizados por estrangeiros”¹⁰⁶. Até a vinda da Família Real para o Brasil, grandes expedições adentraram o país e exploraram a flora e a fauna sem, contudo, desenvolver a descoberta desses saberes em solo nacional, pois todo o material coletado era enviado à Europa para Estudo¹⁰⁷.

Conforme Caramaschi e Pombal, o estudo dos anfíbios no Brasil foi impulsionado na década de 1920, precedidos apenas por algumas tentativas, como de João Joaquim Pizarro (1842-1906), que em 1876 apresentou seu *Batrachychthis*¹⁰⁸.

Assim, Adolpho Lutz, no Instituto Oswaldo Cruz e Alípio de Miranda Ribeiro, no Museu Nacional, podem ser considerados os primeiros brasileiros a publicar estudos sobre esse grupo de animais. Entre 1920 e 1939, A. Lutz

¹⁰⁵ Ibid., 4.

¹⁰⁶ Caramaschi, & Pombal, *Adolpho Lutz*, 21.

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Ibid.

publicou vários trabalhos sobre anfíbios anuros do sudeste brasileiros e, ainda, teve algum interesse pelo estudo das serpentes¹⁰⁹.

Por meio de uma tabela, na qual estavam listadas as espécies de anfíbios descritas por Adolpho Lutz, Caramaschi e Pombal destacam que:

(...) de 58 espécies registradas por A. Lutz, 37 são atualmente reconhecidas como válidas, e uma considerada *incertae sedis* (o que significa que não se sabe em que gênero classificar e nesse caso se é uma espécie válida). Atualmente 63% dos nomes ainda são válidos, o que os autores consideram uma boa proporção diante do conhecimento da época¹¹⁰.

As primeiras espécies descritas por Adolpho Lutz são relatadas por Caramaschi e Pombal como apresentadas de maneira muito resumida. Os autores ressaltam ainda que isso foi feito de forma estratégica, para que garantisse assim a prioridade da aplicação dos nomes, com a intenção de complementá-los posteriormente¹¹¹.

No entanto, isso nunca aconteceu. Somente nos últimos trabalhos de Adolpho Lutz, (já em parceria com Bertha Lutz) as descrições são mais detalhadas, contendo a morfologia dos adultos além de informações como a vocalização de girinos¹¹².



Figura 13

Adolpho e Bertha Lutz realizam estudos de campo em Nova Friburgo (RJ), em 1935¹¹³

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Ibid. (itálicos e parênteses do autor)

¹¹¹ Ibid., 22.

¹¹² Ibid.

¹¹³ Fonte: <https://agencia.fiocruz.br/>

Em coautoria Adolpho e Bertha Lutz elaboram o estudo “*Hyla aurantica* Daudin. Duas Hylas aliadas do sudeste do Brasil” que data de 1938.

Esse estudo contém detalhes minuciosos, que começaram nos estudos feitos pelo naturalista francês Daudin há mais de um século sobre esse espécime de Hyla. Berta e A. Lutz perceberam caracteres muitos semelhantes nos vários exemplares de Hyla que estudaram e viram que foram descritos com o mesmo nome, ainda que alguns fossem de procedências diversas e com caracteres diferentes.¹¹⁴

Nesse artigo os Lutz chamam a atenção para o fato de que a maioria desses espécimes fossem da região amazônica, Guianas, nordeste da América do Sul, com alguns exemplares distribuídos por Teresópolis, segundo eles descrito pelo professor Miranda Ribeiro sendo os espécimes encontrados em Nova Friburgo descritos por Peters em 1872.

No estudo apontam não ter sido apropriado o nome escolhido por Daudin (pois o nome estava relacionado à cor laranja do espécime tipo), detalhando que o espécime achado em Paris era de cor pardo escuro, enquanto o espécime estudado pelo professor Miranda Ribeiro era amarelo e aqueles citados por Peters (que enquanto frescos), eram amarelo-ouro desbotando em seguida, se tornavam pardos e brancos. Salientam ainda que nenhum outro naturalista encontrou Hylas de cor laranja.

Destacam a experiência pessoal que tiveram na coleta de batráquios com o prático de laboratório Joaquim Venâncio ressaltando que:

(...) nunca encontramos pererecas alaranjadas. Ultimamente, tivemos, entretanto, o ensejo de observar que os espécimes mortos de uma pequena Hyla, verde, aquática, do Distrito Federal, tornam-se laranja quando mergulhados em álcool. A cor permanece por algum tempo, desaparecendo a seguir. Por outro lado, mantendo em vivário, exemplares de outra espécie, um pouco maior, da Serra dos Órgãos, tivemos o ensejo de ver três exemplares perderem a cor verde em vida, tornando-se amarelos e depois cor de laranja. Um deles continuou com uma pata verde durante alguns dias. Todos esses exemplares morreram sem recuperar a cor verde. Quando se mergulha um dos espécimes normais, verde intenso, em álcool, esse líquido toma uma cor esverdeada¹¹⁵.

Os autores complementam dizendo que a *Hyla aurantiaca* de Daudin é também um batráquio verde e não laranja, conforme indicado pelo seu nome, que em latim

¹¹⁴ Lutz, Adolpho & Bertha. *Sobre a Hyla aurantiaca* Daudin, 465.

¹¹⁵ *Ibid.*, 465.

significa cor de laranja ou alaranjado, destacando o quão difícil é a classificação de batráquios sem que sejam observados vivos, somente enquanto conservados, sem vê-los na natureza e com vida.

Acrescentam expondo que o nome *Hyla aurantiaca* tem sido aplicado a várias espécies com procedência, dimensões e variações muito divergentes. Aproveitam para relatar uma espécie encontrada por eles, descrita como “a menor das nossas espécies” que apresentava características que os impressionaram como: cabeça, esqualirostre, também chamada de perereca-nariguda, e em forma de cunha.

Detalham ainda que:

(...) esse mesmo caráter já impressionara outro naturalista, Tschudi, que em 1838 criou um gênero à parte, o de *Sphoenorhynchus* (focinho em forma de cunha) para os espécimes sinônimos de Daudin. Verificamos que infelizmente esse nome não pode subsistir, tendo sido empregado anteriormente, por duas vezes, por ornitólogos. Resolvemos, pois, restabelecer a maior parte dos caracteres de Tschudi, não como gênero, mais como subgênero novo, para a espécie de Daudin e as nossas duas espécies novas. Assim procedemos porque ambas as espécies novas possuem certos distintivos do gênero *Hyla*¹¹⁶.

Bertha e A. Lutz prosseguem com a diagnose para o subgênero a que deram o nome de *Sphoehyla*:

Sphoehyla nov. sub-gen – *Caput minimum, trigonum; verticem planum, rostrum oblique truncatum; nares in cantho rostrali, oris rictu parvum, linguam maximam; tympanum cute tectum, dentes maxillares minus numerosos, nec semper contiguos; dentes vomerinos minimo*¹¹⁷.

E finalizam apontando quais espécies estão inclusas no novo subgênero:

1- *Sphoehyla* – *aurantiaca* Daudin (= *Hyla lactea* Daudin),

2- *Hyla* (*Sphoehyla*) – *orophila*,

3- *Hyla* (*Sphoehyla*) *planicola*,

4- *Hyla albosignata* n. sp,

5 - *Hyla albofrenata* Lutz

6- *Hyla albomarginata* Spix e *Hyla pickeli* n. sp¹¹⁸

¹¹⁶ Ibid., 466.

¹¹⁷ Ibid., 466.

¹¹⁸ Ibid., 467.

Uma a uma, os autores detalham as características morfológicas e fisiológicas, tamanho, cor, habitat, nicho ecológico e a localização das espécies. Com destaque à *Hyla albosignata* n. sp. que foi encontrada pela sua vocalização¹¹⁹.

Tanto Bertha quanto Adolpho Lutz, faziam questão de esclarecer que os tipos e paratipos na coleção herpetológica, que compreende anfíbios e répteis, do Dr. Adolpho Lutz, no Instituto Oswaldo Cruz, foram apanhados tanto pelos autores quanto pelos auxiliares Joaquim Venâncio e A. Passarelli.

Na sequência, e em coautoria, vale destacar o trabalho sobre a *Phyllomedusa Wagler*, submetido à Academia Brasileira de Ciências em sessão realizada no dia 25 de julho de 1939, que apresenta a seguinte nota: “Trabalho de Adolpho Lutz e Bertha Lutz apresentado à Academia Brasileira de Ciências por “sua ilustre filha e colaboradora”¹²⁰.

Convém aqui ressaltar que essa nota vem referenciar uma prática já estabelecida de colocar as mulheres que atuavam na linha de frente da ciência, inclusive no momento de apresentação de seus trabalhos, (como no caso de Bertha Lutz) em segundo plano, bem como em desconsiderar seu talento, inteligência e criatividade ou mesmo recusar ou dificultar essa participação mais ampla nesse mundo científico.

Isso ocorria, porque, com uma presença mais visível, significaria na prática torná-la, antes de pesquisadora, na terna imagem da “filha que colabora”, mesmo que de forma velada. Isso é algo que permeou toda a trajetória científica de Bertha Lutz e de outras mulheres que fizeram ciência antes ou depois dela. E isso é uma forma de apagamento das contribuições femininas na ciência, o que faz com que seja reconhecida até os dias atuais com essa configuração que foi construída no século passado e ainda hoje reflete em sua figura.

¹¹⁹ Em meados de 1960 Bertha Lutz tornou-se bolsista do CNPq. Com o auxílio da bolsa, comprou um gravador que era utilizado para gravar a vocalização dos anuros.

¹²⁰ O trabalho foi objeto de matéria publicada no Jornal do Commercio, 29.07.1939: “Academia Brasileira de Ciências. Os trabalhos da última sessão – comunicações dos acadêmicos Adolpho Lutz e Menezes de Oliveira – uma nota do Dr. Guilherme Schouten”, presente no Arquivo (BR. MN. Fundo Adolpho Lutz, caixa 17, pasta 140), apud Benchimol, & Sá *Adolpho Lutz*, 547.

Ainda sobre a espécie *Phyllomedusa Wagler*, vale destacar que encontramos extenso estudo sobre girinos, seu desenvolvimento, comportamento entre outros.

De acordo com os autores, o trabalho deles se dividia numa parte geral e capítulos. O primeiro é dedicado às três espécies que fazem parte da fauna regional.

(...) o trabalho se divide numa parte geral e capítulos. O primeiro destes é dedicado às três espécies que perfazem a nossa fauna regional. São elas: *Phyllomedusa rohdei*, descrita por Mertens e, sob o nome de *Bradymedusa moschata*, por Miranda Ribeiro, tendo o trabalho de Mertens alguns dias de prioridade; *Phyllomedusa guttata* Lutz e *Phyllomedusa appendiculata* Lutz¹²¹.

E prosseguem com a descrição do habitat e nicho ecológico de cada espécie:

A primeira é comum e vive tanto nas planícies como nas montanhas, ao passo que as outras duas se limitam às serras, onde as suas larvas têm os seus criadouros. *Phyllomedusa rohdei* pertence ao grupo de espécies com o primeiro artelho mais curto que o segundo; *Phyllomedusa guttata* e *Phyllomedusa appendiculata* o têm mais curto, distinguindo-se, uma da outra, pelos girinos e, no caso dos adultos, pela diferença de palmatura, forma do xifisterno, e outros detalhes estruturais. *Phyllomedusa guttata* Lutz se distingue pelos girinos com perístoma bucal membranoso e pelos seguintes caracteres do adulto: Dedos inteiramente livres, últimos três artelhos com membrana basal apenas; gotas roxas sobre fundo laranja nos lados do corpo. *Phyllomedusa appendiculata* Lutz se distingue pelos dedos palmados de quase 113; artelhos de 113 e apêndice calcâneo triangular muito desenvolvido¹²².

Nas considerações subseqüentes, os autores trazem observações sobre *Phyllomedusa* vivas, com destaque para seus hábitos, como o mimetismo, entre outros.

Bertha, Adolpho e o prático Joaquim Venâncio, encontraram posturas de *Phyllomedusa rohdei*, *Ph. guttata* e *Ph. Appendiculata*. Traçaram o desenvolvimento da primeira, descrevendo o nascimento das larvas, presenciado pelos autores e documentado fotograficamente até a metamorfose; o das segundas é apresentado mais sucintamente, sendo descritos, porém, os embriões da última.

Sobre a espécie *Phyllomedusa guttata*, os autores a apontam como

¹²¹ Lutz, Adolpho & Bertha, *Adolpho Lutz* In, Benchimol, Sá & orgs., *Adolpho Lutz*, (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007), 547.

¹²² Ibid.

(...) pela primeira vez no Brasil um fenômeno de adaptação à vida em águas agitadas de montanha, até agora só conhecido em alguns girinos, principalmente das espécies asiáticas do gênero *Megalophrys*. Trata-se de um grande perístoma bucal que serve de flutuador, formando um disco na superfície das águas onde as larvas costumam estacionar e onde se alimentam, conforme demonstram experimentalmente os autores. Entre duas águas assume a forma de um funil. Serve também de órgão de fixação a superfícies sólidas ou de movimento sobre elas, protegendo, pois, as larvas contra os efeitos das correntes excessivamente velozes¹²³.

Os autores finalizam observando que após o estudo comparativo das três espécies surgem caracteres que ampliam as escassas informações que se tinha até aquele momento e que foram publicadas havia mais de 30 anos pelo naturalista britânico Budgett, sobre o *Ph. hypocondrialis*, observado por ele no Paraguai¹²⁴.

A respeito da espécie *Phyllomedusa bahiana* Lutz, os autores enfatizam que a diagnose diferencial *apenas* foi publicada por Adolpho Lutz. Relatam que a diferenciação dessa espécie em questão da *Ph. burmeisteri* Boulenger é principalmente a perna curta alcançando apenas a axila com a articulação tíbio-tarsal, quando o membro posterior é levado à frente, e discos muito pequenos, além de parótidas longas e grossas¹²⁵.

Na mesma publicação também é possível notar observações sobre anuros picados por mosquitos e fragmose em anuros (fechamento de uma abertura do ambiente com o próprio corpo; como, por exemplo, o fechamento de um tubo central de uma bromélia com a cabeça do anuro). É interessante notar que particularmente este trabalho de Bertha Lutz foi o primeiro com viés comportamental¹²⁶.

Na sequência são abordados tópicos como habitat e nicho ecológico, assim como a sistemática de cada espécie.

Na parte especial é dada uma descrição detalhada das três espécies, das quais só a diagnose diferencial havia sido publicada, em *Nota Prévia* comunicada à Sociedade Brasileira de Biologia. Tanto na introdução, como nos capítulos, é dedicada grande atenção às observações de natureza biológica, feitas não só no laboratório como no campo¹²⁷.

¹²³ Ibid., 548.

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ Caramaschi, & Pombal, *Adolpho Lutz*, 20.

¹²⁷ Lutz, Adolpho & Bertha, *Adolpho Lutz* in: Benchimol, Sá & orgs., *Adolpho Lutz*, (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007), 547.

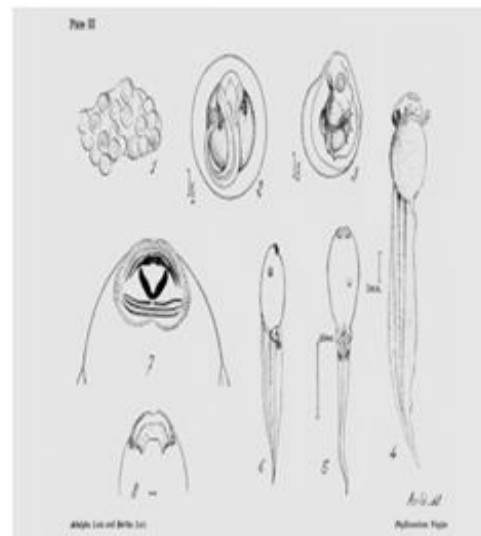
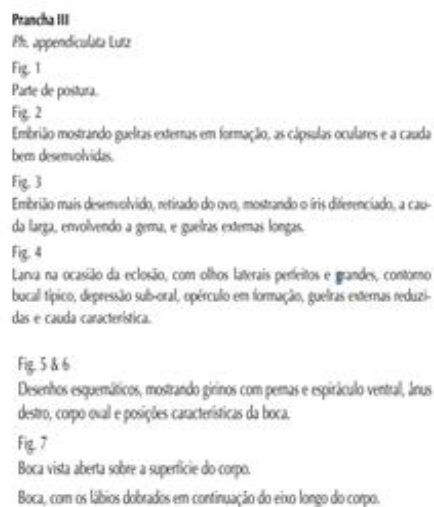
Os autores usam, com riqueza de detalhes, muitas pranchas para ilustrar a diagnose das espécies com a explicação das figuras como aparece a seguir:

Figura 1 - Prancha I e II



Fonte: Lutz, Adolpho & Bertha. *Notas sobre o gênero Phyllomedusa Wagler*, 549.

Figura 2 - Prancha III



Fonte: Lutz, Adolpho & Bertha. *Notas sobre o gênero Phyllomedusa Wagler*, 549-555.

Figura 3 - Prancha IV

Prancha IV

Ph. rohdei Mertens

Processo de eclosão

Foto 1

Posturas em folhas de laranja, cada uma dobrada longitudinalmente, com uma abertura superior e outra inferior, mas soldadas uma à outra. A superior cheia de ovos, a inferior vazia, com um girino visível na margem da folha.

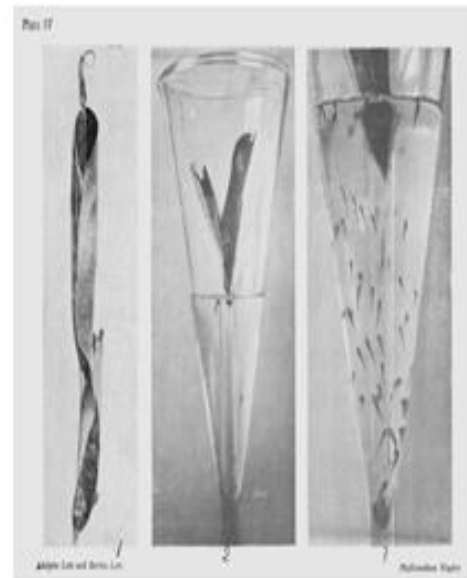
Foto 2

As mesmas colocadas em funil e copo de vidro. Uma larva embaixo e duas na superfície.

Foto 3

Após a eclosão. As larvas são vistas na pose vertical característica, na superfície e abaixo dela.

Fotos: J. Pinto



Fonte: Lutz, Adolpho & Bertha. *Notas sobre o gênero Phyllomedusa Wagler*, 550-556.

Figura 4 - Prancha V e VI

Prancha V

Ph. rohdei Mertens

Fig. 1

Embrião visto de baixo, com duas glândulas sub-orais e garras externas.

Fig. 2-3

O mesmo visto lateral e dorsalmente.

Fig. 4

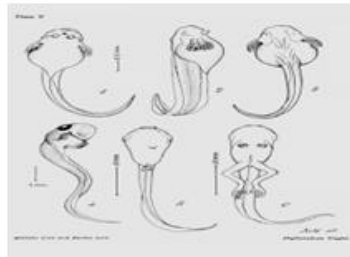
Larva na ocasião da eclosão, mostrando o olho grande, lateral, o contorno da boca, a depressão sub-oral, operculo em formação, as garras reduzidas, a inserção da crista caudal inferior no abdome e a pigmentação incipiente.

Fig. 5

Desenho esquemático mostrando o espiráculo ventral, ânus direito, posição da boca e dos olhos, estes na maior largura do corpo.

Fig. 6

fase ulterior mostrando os dedos prestes a romper, o ânus no centro e a crista caudal inferior interrompida.



Prancha VI

Ph. rohdei Mertens

Figs. 1a & b

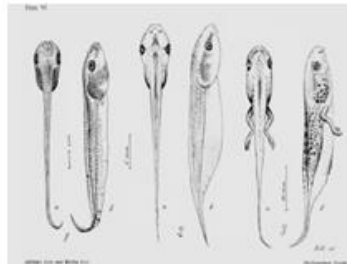
Girinos pouco depois da eclosão, mostrando a mancha clara, olhos grandes, a distribuição do pigmento e a cauda característica.

Fig. 2

Girinos com penas em formação, mostrando o contorno bucal, redistribuição de pigmento, forma do corpo, com maior largura nos olhos, ângulos hidrostáticos dorsais, forma da cauda e parte proximal hialina da crista interior. (b)

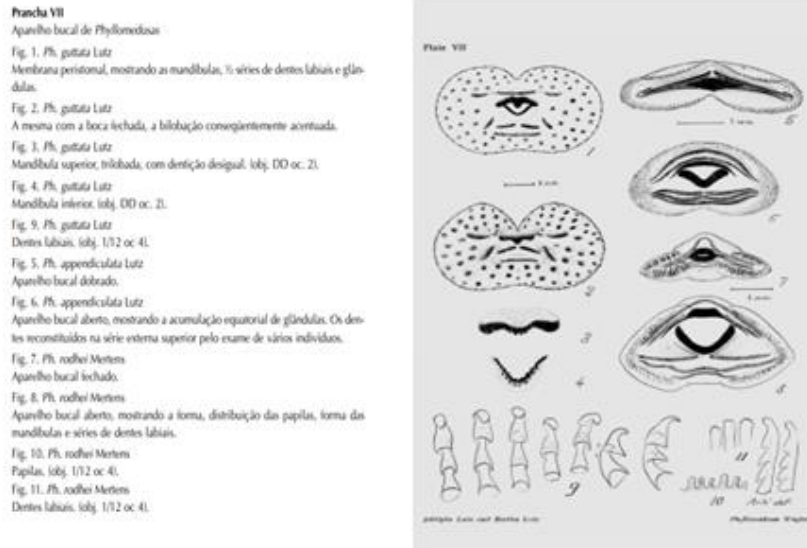
Fig. 3

Girino, pouco antes da metamorfose, mostrando coloração adulta incipiente; b) glândulas não visíveis em fases anteriores e início da acumulação característica de pigmento no meio da cauda, especialmente na crista interior.



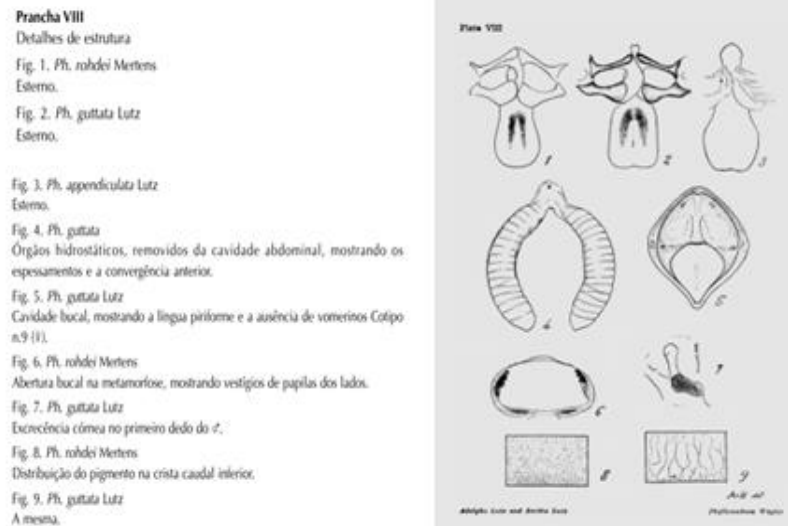
Fonte: Lutz, Adolpho & Bertha. *Notas sobre o gênero Phyllomedusa Wagler*, 550-558.

Figura 5 - Prancha VII



Fonte: Lutz, Adolpho & Bertha. *Notas sobre o gênero Phyllomedusa Wagler*, 551-559.

Figura 6 - Prancha VIII



Fonte: Lutz, Adolpho & Bertha. *Notas sobre o gênero Phyllomedusa Wagler*, 551-560.

Bertha ainda descreveu três espécies que, mesmo dando seguimento às pesquisas de Adolpho Lutz e acrescentando informações novas e de maneira mais completa, atribui à autoria de seu pai¹²⁸.

Contudo, as espécies *Phyllomedusa burmeisteri distincta* e *Aplastodiscus perviridis*, não pôde ter a autoria atribuída a Adolpho Lutz, uma vez que não fez uso de diagnoses ou descrições feitas por seu pai (usou apenas desenhos realizados sob a supervisão dele)¹²⁹.

2.2 A coleção Adolpho Lutz

De acordo com Benchimol, no final nos anos 1930, Adolpho Lutz já apresentava dificuldade de locomoção e sinais de cegueira, o que levou Bertha a assumir integralmente os trabalhos do pai, como as pesquisas, as trocas de correspondências e preparação dos trabalhos científicos que versavam sobre a lepra e os anfíbios¹³⁰.

Os autores utilizam como exemplo as cartas trocadas entre Bertha e Z. Bercovitz, secretário da *Pan American Medical Association (Section of Tropical Medicine)*, no decorrer de 1938 e 1939.

Em carta datada de 18 de dezembro deste ano, Bercovitz informou ter incluído o trabalho de Lutz (“*The transmission of leprosy by mosquitoes and its prophylaxis*”) no programa do sétimo congresso-cruzeiro marítimo da *Section of Tropical Medicine da Pan American Medical Association*¹³¹. Apesar de haver prometido publicar o trabalho, endereçou, em abril de 1939, uma carta à Bertha pedindo desculpas por não ter podido fazê-lo¹³².

¹²⁸ Consultar Lutz, B. “Anfíbios e anuros da coleção Adolpho Lutz” (1-25) e Lutz, B & Carvalho, “Novos anfíbios e anuros das serras costeiras do Brasil” (1-21).

¹²⁹ Caramaschi, & Pombal, Adolpho *Lutz*, 20.

¹³⁰ Benchimol, et al: “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, 207.

¹³¹ O Primeiro Congresso Americano sobre Hanseníase, realizado no Rio de Janeiro, em 1922, sob a presidência de Carlos Chagas, abriu espaço para Adolpho Lutz, segundo o qual a Hanseníase era transmitida por mosquitos, de maneira análoga à febre amarela e à malária. Lutz foi um dos organizadores do evento que reuniu representantes de 13 países, Benchimol, & Sá: *Adolpho Lutz*, 29.

¹³² *Ibid.*, 208.

“A transmissão da lepra pelos mosquitos e a sua profilaxia”, o penúltimo trabalho de Adolpho Lutz, foi de um período no qual o pesquisador já se encontrava inteiramente cego e, por isso, ditava as palavras para que sua sobrinha o redigisse¹³³.

Seu último trabalho foi publicado em 1939, também sobre a mesma temática: combate à lepra e ao mosquito transmissor, apresentando medidas de combate à doença. No ano seguinte, em 06 de outubro de 1940, Adolpho Lutz falece em consequência de uma pneumonia.

Lôbo conta que a morte de A. Lutz foi um terrível golpe para Bertha. Ela recebeu condolências de amigos, admiradores de seu pai, tanto do Brasil como do exterior. Ela vai para a capital de São Paulo para acompanhar a inauguração da nova sede do Instituto Bacteriológico de São Paulo, nomeado como Instituto Adolpho Lutz por um decreto do interventor Adhemar de Barros¹³⁴.

Em seguida, Bertha refugia-se em Petrópolis (RJ) e escreve cartas, expressando seu desalento em uma delas:

A morte de papai foi um golpe terrível para mim. Fiquei tão atordoada que até hoje há brancos e lacunas em minha memória e pensamento consciente. A coisa toda ainda está impregnada de um sentimento de irrealidade. Por um longo tempo, e ainda agora, sinto-me, a intervalos, como um fantasma entre os seres humanos que me rodeiam. Somente a natureza e os interesses que tínhamos em comum faziam-me viver. Com frequência, desejava que esta lúgubre guerra terminasse e que pudéssemos partir numa longa viagem para coletar nas regiões mais selvagens do Brasil¹³⁵.

O ano de 1941 se inicia e Bertha, conforme sua expressão, continua à deriva. Aos poucos vai tomando o controle de sua vida conforme desmonta o apartamento em que morava com o pai. Enquanto procura um lugar para viver, passa alguns dias na casa de seu irmão, o médico Gualter Lutz.

Gualter era discreto e, embora tivesse optado pela mesma carreira do pai, especializou-se em medicina legal, logrando ampla projeção na área, conquistando o cargo de professor de medicina legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro¹³⁶. Também tinha talento para música e fotografia, tendo até recebido prêmios. Como colaborador de seu pai, publicou trabalhos sobre esquistossomose em 1928. No

¹³³ Essa é a única menção à sobrinha de Adolpho Lutz feita por Benchimol, et al em: “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, 208.

¹³⁴ Lôbo, *Bertha Lutz*, 85.

BR. MN. Arquivo. Fundo Bertha Lutz, apud Benchimol, & Sá, 243.

¹³⁶ Benchimol, et al: “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, 210.

entanto, teve maior destaque como colaborador de sua irmã, no esforço que esta empreendeu na preservação da memória do pai

É na Federação Brasileira para o Progresso Feminino que, por fim, Bertha encontra não só um abrigo, mas um refúgio. O tempo que passa na Federação, ocupa-o organizando os papéis da referida instituição e do seu pai. Lôbo descreve que essa tarefa dá à Bertha um norte para sua vida. Ela estabelece um plano para preservar a memória do cientista Adolpho Lutz. Bertha então relata:

Estou me dedicando à grande tarefa de organizar o arquivo de meu pai, tão completo quanto possível. Tenho em vista a conservação, catálogo das coleções e a publicação de uma biografia e, se possível for, de uma edição completa dos trabalhos do professor Lutz e sua correspondência científica.¹³⁷

O fruto desses esforços esmerados foi o primeiro artigo de uma série, publicados “nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* (t. 39, fas. 2 1943), intitulado *Contribuição à História da Medicina no Brasil*”¹³⁸.

Bertha e Gualter Lutz utilizaram relatórios, escritos por Adolpho Lutz, na época em que ele era diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo e ressaltaram a campanha dele contra a epidemia de cólera, no mesmo Estado em 1890, e suas pesquisas sobre disenteria, iniciadas em 1889.

Logo após a morte de Adolpho Lutz, o então prefeito do Rio de Janeiro, Henrique de Toledo Dodsworth Filho, ambicionava grandes reformas urbanísticas nessa cidade e, para isso, nada melhor que um empreendimento cultural, um museu natural em homenagem a Adolpho Lutz no Parque da Cidade¹³⁹.

Foi através de Oswino Penna, pesquisador do IOC, que Bertha Lutz teve acesso a essa informação, e tão logo soube, tratou de aproveitar a oportunidade para dar seguimento aos planos de imortalizar seu pai, no *hall* de cientistas importantes do país. Ela entregou a Henrique de Toledo Dodsworth Filho um esboço do projeto de museu, que o aprovou de forma oficiosa e o encaminhou a Penna, que, na época, estava à frente da Secretaria Geral de Saúde e Assistência, para que fossem tomadas as devidas providências no intuito de que fosse construído o Instituto Municipal de

¹³⁷ Bertha Lutz, apud Lôbo, *Bertha Lutz*, 85.

¹³⁸ Benchimol, et al, 210.

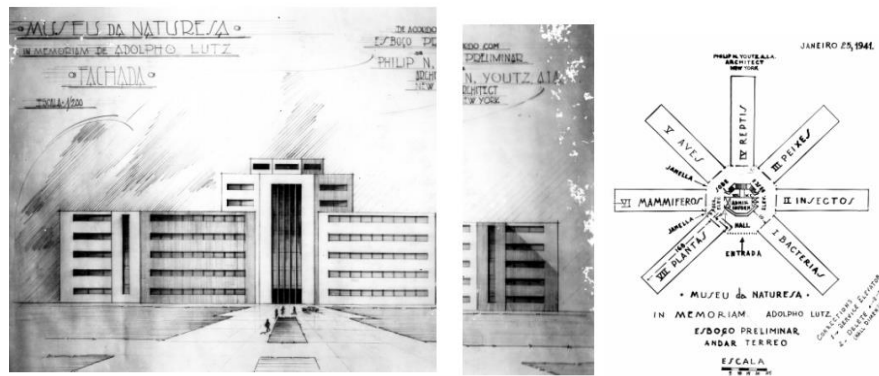
¹³⁹ Id., 211.

História Natural Dr. Adolpho Lutz, com objetivo de ser inaugurado em 18 de dezembro, data de aniversário do homenageado.

Benchimol conta que o primeiro esboço para a criação do Museu Adolpho Lutz que foi apresentado por Bertha à Dodswrth em outubro de 1940, na visita que fez ao Parque da Cidade, tinha como objetivo a exibição da obra do cientista como o ápice das descobertas biológicas ocorridas no Brasil desde a ocupação holandesa.¹⁴⁰

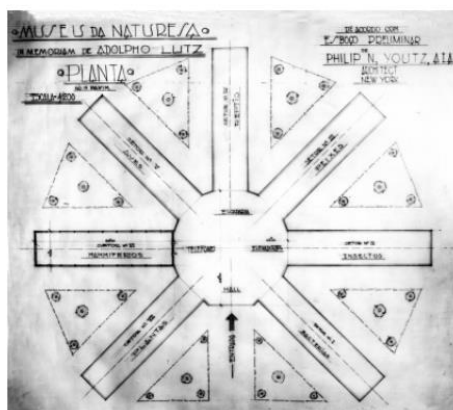
Bertha havia pensado e planejado um museu nos mesmos moldes do que observara em viagem anterior aos Estados Unidos, julgando importante a interface entre ensino e pesquisa, conforme figura 8 e 9.

Figura 8



Fonte: Benchimol, et al: "Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz", 214-215.

Figura 9



Fonte: Benchimol, et al: "Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz 216.

¹⁴⁰ Ibid., 213.

Bertha pretendia, com a execução do projeto, homenagear o pai e ao mesmo tempo fomentar seu trabalho de emancipação feminina. Assim, pensava poder juntar as duas coisas: um museu bem pequeno com depósitos grandes e bem-organizados não atenderia a este propósito? ... Se o outro concretizasse eu poderia usar o pequeno para uma exposição sobre o desenvolvimento da mulher.¹⁴¹

Fica evidente que Bertha vinculou-se permanentemente a dois mundos: o de curadora de Adolpho Lutz e o de feminista. Entre ambas as funções ela tenta equilibrar os dois lados oferecendo seu tempo, contatos e conhecimento.

Infelizmente para Bertha o projeto nunca se realizou, talvez pelo fato de que A. Lutz não ser tão popular no Rio de Janeiro quanto era em São Paulo.

2.3 A pesquisa sobre Anfíbios e anuros

Ao longo de 1941 e 1942 Bertha manteve intensa correspondência, com o objetivo de recolher ao arquivo que organizava, cartas e trabalhos de Adolpho Lutz, que se achavam em poder de outros pesquisadores e de instituições nacionais e estrangeiras. Em documento não datado, posterior à morte do pai, Bertha demonstra seu papel, no que diz respeito à manutenção do acervo de seu pai se autodenominando como “guardiã”, conforme escreve Bertha:

Tornando-me, à mercê das circunstâncias, guardiã hereditária desse acervo precioso, cuidei de examiná-lo e mantê-lo, desde o dia em que, ainda em vida do dr. Lutz, o seu sucessor no laboratório solicitou-me que o retirasse, porque ocupava espaço demais. Muitas plantas tinham sido prejudicadas pela ação do tempo e do gorgulho, desde que um acidente de caçada privou o dr. Lutz, alheio ao fato, de seu auxiliar, José Vasconcellos, que também gostava de botânica¹⁴².

As coleções foram objeto de abundante correspondência entre 1940 e 1950, e nesse sentido, Bertha pôde contar como aliada a diretora do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres,¹⁴³.

Foi Heloisa que em 1941 autorizou Bertha Lutz a estudar, promover o estudo e zelar por todo material produzido por Adolpho Lutz. Para isso, Bertha conquistou uma sala maior, na qual cabiam os espécimes, bem como contou com autorização para

¹⁴¹ Ibid., 223.

¹⁴² Bertha, apud Benchimol, et al.: “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, 231.

¹⁴³ Ibid., 228.

realizar excursões no intuito de aprofundamento dos estudos, salientando que todo o material que fosse coletado a partir daquela referida data pertenceria ao Museu Nacional. Conforme descreve Benchimol, Bertha também obteve apoio do chefe da Divisão de Zoologia Médica do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Lauro Travassos, temeroso de perder as coleções de Adolpho, com o envolvimento da filha do ilustre cientista com outras instituições.¹⁴⁴

A linguagem utilizada por Lauro Travassos, quando faz referência à Bertha Lutz, evidencia passagens que já vislumbramos anteriormente. A construção da imagem da filha do cientista precede a sua capacidade científica. Apesar de sua inquietação com a preservação do acervo, é sobre a imagem da “filha do Adolpho Lutz”, e não da naturalista e pesquisadora, que ele devota suas expectativas para esse feito.

A organização do arquivo era uma tarefa à qual Bertha vinha se dedicando desde a morte do pai com a ajuda do irmão, Gualter Lutz. O mesmo aconteceu com as coleções científicas, por razões que não se restringiam à rememoração.

Além de constituírem lugar ou suporte importante de memória, as coleções serviram de prelúdio para a carreira de Bertha como zoóloga oficialmente ligada ao Museu Nacional e, de maneira informal, ao laboratório de Adolpho Lutz, no Instituto Oswaldo Cruz¹⁴⁵.

É então que Bertha prossegue com os estudos de Adolpho Lutz, contudo, sempre fazendo referência ao pai.

Em Dezembro de 1949 e Janeiro do presente exercício, a autora e o Sr. Joaquim Venâncio tiveram o ensejo de empreender uma excursão a certas regiões dos estados meridionais do Brasil, por parte, respectivamente, do Museu Nacional e do Instituto Oswaldo Cruz. A excursão teve por finalidade precípua a redescoberta de algumas formas estudadas, há quase um quarto de século, pelo Professor Lutz e providas de diagnoses inéditas, destinava-se igualmente a fazer a coleta em séries e a observar a ecologia da fauna anura e sua distribuição por altitudes¹⁴⁶.

A excursão foi custeada pelo Museu Nacional juntamente com o Instituto Oswaldo Cruz que patrocinaram as pesquisas de Bertha com a intenção de preservar o acervo de Adolpho Lutz.

¹⁴⁴ Benchimol, et al: “Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz”, 228.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Lutz, Bertha. “Anfíbios e anuros”, 599.

O objetivo da pesquisa além da observação da ecologia da fauna anura e sua distribuição por altitudes, com diagnoses ainda inéditas, dava destaque para duas formas que apresentavam maior interesse do ponto de vista da evolução do aparelho locomotor nos Hylídeos neotropicais. Em seu estudo Bertha evidenciou a estrutura das patas e o método de locomoção de duas espécies: *Phyllomedusa burmeisteri distincta* e *Aplastodiscus perviridis*.

Em sua descrição Bertha Lutz apresenta o gênero tipo Hyla da família dos Hylídeos:

como pouco especializada. Locomove-se aos saltos e trepa por aderência ou fricção, sendo os saltos facilitado pelo comprimento das pernas e a adesão e subida pelos discos amplos, que terminam os dedos e completam a função da cartilagem intercalada entre as duas últimas falangetas, que caracteriza a família. Em seguida Bertha chama atenção para outros Hylídeos com método de locomoção diverso. Ela prossegue explicando que “caminham sobre as patas e agarram-se aos suportes, curvando as extremidades em seu redor ou colocando os dedos internos em oposição aos externos”¹⁴⁷.

Sobre a espécie *Phyllomedusa burmeisteri distincta*, em sua diagnose, Bertha perpassa por características morfológicas e fisiológicas dos machos e fêmeas da espécie de forma sempre muito detalhada. Descreve porte, tamanho, características particulares de cada um, suas medidas e as variações individuais de ambos:

Apresenta como caracteres correlatos, marcha lenta, pupila vertical, vida mais arbórea e desova não aquática. As formas altamente especializadas neste sentido possuem o primeiro dedo do pé mais longo e mais robusto que o segundo, discos e dedos muito estreitos, membranas natatórias ausentes, e apresentam um certo grau de torsão nas patas que permitem opor os dedos internos aos laterais. Tais formas se enquadram perfeitamente na definição do gênero *Pithecopus* de COPE 1866¹⁴⁸.

Acrescenta que, na sua definição mais ampla, *Phyllomedusa* deveria abranger todos os Hylídeos neotropicais de pupila vertical, dedos internos mais ou menos oponíveis, face dorsal sempre visível separada das superfícies ocultas em repouso e com hábito de desovar por cima, mas para fora da água¹⁴⁹. Conclui observando que “além de *Pithecopus* já mencionado anteriormente, também abrangeria as formas

¹⁴⁷ Ibid., 600.

¹⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁹ Ibid.

Phyllomedusa sem pé de macaco e as *Agalychnis*, já incluídas em *Phyllomedusa* por alguns autores europeus”¹⁵⁰.

Bertha completa a descrição das formas e propõe ainda uma classificação indicada, como se pode ver na “Tábua I e a Tábua II, que apresenta alguns caracteres diferenciais que permitem a separação rápida das formas:

Tábua I

TABUA I	
	<p>I. AGALYCHNIS. Cope 1865</p> <p>Discos mais ou menos grandes. Membranas natatórias mais ou menos longas. Dedos internos mais ou menos oponíveis. 1.º dedo do pé mais curto que o 2.º. Paratóides presentes ou não. Postura em folhas abertas ou outros objetos acima de água. Espécies: <i>moreletti</i>, <i>helenae</i>, <i>calidriyas</i>, <i>daenicolor</i>, <i>lemur</i>, (fide Cope) México, América Central.</p>
	<p>II. PHYLLOMEDUSA Wagler 1830 (sensu stricto)</p> <p>Discos grandes. Membranas rudimentares. Dedos internos oponíveis. 1.º dedo do pé mais curto ou igual ao 2.º. Paratóides presentes. Postura? Espécies: <i>P. bicolor</i>, <i>P. loria</i>. Sul América equatorial.</p>
<p>PHYLLOMEDUSA sensu lato Pupila vertical. Dedos internos oponíveis. Paratóides presentes ou ausentes Vomerinos presente nas espécies grandes, ausentes nas pequenas. Face dorsal sempre visível nitidamente separada em cor e espessura das faces ocultas em repouso. Postura não aquática. Neotropical.</p>	<p>III. HYLOMANTIS. Peters 1872</p> <p>Discos grandes. Membranas médias a curtas. Dedos ligeiramente oponíveis. 1.º do pé mais curto que o 2.º. Paratóides ausentes. Postura em folha enrolada (<i>P. guttata</i>) Espécies: <i>H. aspera</i> (Bahia). <i>H. guttata</i> (Região sudeste montanhas marítimas). Leste do Brasil.</p>
	<p>IV. PITHECOPUS. Cope 1866</p> <p>Discos pequenos. Membranas ausentes. Dedos internos oponíveis. 1.º dedo do pé mais comprido e mais robusto que o 2.º. Paratóides presentes (formas grandes) ou ausentes (pequenas). Postura enrolada em folha ou folhas. Ciclos: <i>P. burmeisteri</i>, <i>P. hypochondriasis</i>. Espécies: Vide Tábua II. América do Sul.</p>
	<p>SPECIES INCERTAE SEDIS.....</p> <p><i>P. jimbrata</i> (<i>P. appendiculata</i>). S. E. Brasil, possivelmente uma <i>Agalychnis</i>, pela morfologia e postura em rocha). <i>P. buckleyi</i>? vizinha de <i>Centrolenella</i>? Equador, região mal conhecida. <i>P. calaveras</i> = ? <i>Agalychnis</i> fide Boulenger — Equador.</p>

Fonte: Lutz, Bertha. “Anfíbios e anuros”, 601.

¹⁵⁰ Ibid.

Tábua II

DISTRIBUIÇÃO	Formas	Diferenças
LESTE DO BRASIL....	<i>P. burmeisteri</i> Boulenger 1856 (Figs. 8 - 9) Leste do Brasil. Tipo: macho 85 mm.	Discos muito menores que o tímpano. Pernas curtas, tibiotarsal ao tímpano, ombro ou ao canto posterior do olho. Face dorsal visível verde, faces ocultas amarelo, laranja ou vermelho, geralmente com rede púrpura.
	<i>P. sauvagii</i> Boulenger 1882 (Fig. 7) Salta, Argentina. Tipo: 68 mm. Também sul da Bolívia e norte da Argentina (Mueller 1936; Mato Grosso (B. Lutz).	Diferem de <i>L. burmeisteri</i> pelas paratoides muito salientes e cor. Intiramente verdes, salvo o ventre e uma tira mediana longitudinal na face ventral da coxa. Margens glandulares e manchas brancas muito conspicuas, no joelho, cotovelo, gula e peito, estas em forma de Y ou I. <i>P. rickettsii</i> tem o dorso cheio de verrugas, em <i>P. sauvagii</i> é liso, sendo esta a principal diferença. Pode tratar-se de caráter nítpeal ou de variação sub-específica, geográfica.
REGIÃO CENTRAL CI-SANDINA Paratoides e margens glandulares muito salientes.	<i>P. rickettsii</i> Guenther 1896 Santa Fé, Argentina. Tipo: 68 mm. Também Misiones (Serió 1934)	
TERRAS ELEVADAS A LESTE DOS ANDES Espaço interorbital estreito	<i>P. boliviana</i> Boulenger 1902 Chulumani, Bolívia 2000 m. altura. Tipo: macho 75 mms.	Discos pequenos, muito menores que o tímpano. Perna curta, tibiotarsal ao tímpano ou olho. Padrão?
	<i>P. coelestis</i> Cope 1874 Moyabamba, Perú Tipo: 57 mms.	Paratoides ausentes, Espaço interorbital estreito, pouco mais largo que a pálpebra superior. Faces ocultas amarelas com barras verticais púrpuras.
COLOMBIA Espaço interorbital largo. Perna longa. Intermediária?	<i>P. nicefori</i> Barbour 1926 Villavicencio, Colombia. ... Tipo: 80 mms.	Descrição contraditória. Pernas como em <i>tarsius</i> . Glandulas como em? <i>coelestis</i> ?

Fonte: Lutz, Bertha. "Anfíbios e anuros", 602.

TÁBUA II (conclusão)

FORMA	Diferenças	Observações
ALTO AMAZONAS Pernas longas	<i>P. tarsius</i> Cope 1868 Tipo: macho 95 mms. Nauta, Perú.	Discos um pouco maiores que o tímpano. Perna longa tibiotarsal á frente do olho. Fêmur verde, duas manchas isoladas no peito e uma de cada lado do ânus, ventralmente.
	<i>P. tomopternus</i> Cope 1868 Rio Napo. Tipo: macho 49 mms. Abundante em Nauta, Perú.	Discos? Perna longa, tibiotarsal ao canto anterior do olho. Superfícies ocultas amarelo vivo, barras púrpuras. <i>Dois apêndices calcâneos</i>
	<i>P. vaillantii</i> Boulenger 1882 Santarém, Pará, Brasil. Tipo: macho 60 mms.	Discos iguais ao tímpano. Perna menos longa, tibiotarsal ao canto posterior do olho. Manchas pequenos nos lados. (O espécime do Museu Nacional tem margem glandular lateral branca, como em <i>sauvagii</i>) <i>Ossificações na pele dorsal.</i>
TRINDAD B.W.I. Discos grandes Vestígio de membranas	<i>P. trinitatis</i> Mertens 1926 Port of Spain, Trinidad, B.W.I. Tipo: fêmea 88 mms.	Discos grandes, 2/3 a 3/4 do tímpano. Perna longa, tibiotarsal, além do olho. Discos verdes. Manchas pequenas nas faces ocultas.

Fonte: Lutz, Bertha. "Anfíbios e anuros", 603.

Ela prossegue afirmando que, no grupo grande, as formas no leste do Brasil são todas vizinhas de *P. burmeisteri*, chamando atenção para um fator de adaptação

ecológica, trazendo como exemplo as espécies da região equatorial que possuem pernas longas e as do Pantanal e regiões adjacentes, possuem glândulas muito desenvolvidas, já as dos Andes, espaço interorbital estreito, enquanto os da Colômbia se aproximam das do Alto Amazonas¹⁵¹.

Bertha ainda indica em seu artigo um mapa no qual aponta as localidades onde foram encontradas as formas diversas.

Mem. Inst. Oswaldo Cruz
Tom. 48, 1950



Distribuição de espécies e sub-espécies de *Phyllomedusa* (*Pithecopus*) do grupo de *P. burmeisteri*.
 Distribution of species and forms of the *Phyllomedusa* (*Pithecopus*) *burmeisteri* group.

Fonte: Lutz, Bertha. "Anfíbios e anuros", Tomo 48, 1950.

Da detalhes sobre uma nova subespécie a região da qual foi localizada bem e suas principais características, oferecendo inclusive imagens que podem ser observadas nas figuras de 1 a 6:

A sub-espécie nova pertencente ao grupo de *P. burmeisteri* típica E' intermediária entre *P.b burmeisteri* e *P.b. iheringii*. Provém do norte de Santa Catarina região ainda não incluída no território das *P. burmeisteri*. Oferece alguns caracteres muito nítidos. E' uma das menores se não for a menor das formas do grupo. Falta-lhe totalmente o padrão encontrado na face oculta das coxas nas outras representantes do grupo. (...) As fêmeas, que são grandes, os têm perfeitamente desenvolvidos. O mesmo ocorre apenas em poucos machos¹⁵².

¹⁵¹ Ibid., 604.

¹⁵² Ibid., 604.

Va. *Phyllomedusa* (*Pithecopus*) *Burmeisteri* Distincta A Lutz nov. subsp.

Figs. 1-6

Estampa 1

Mem. Inst. Oswaldo Cruz
Tomo 48, 1950

ESTAMPA 1

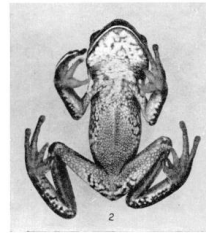
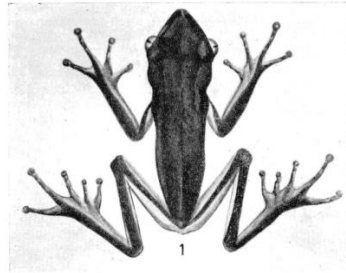


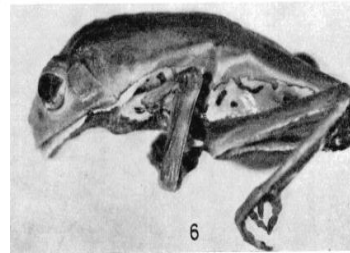
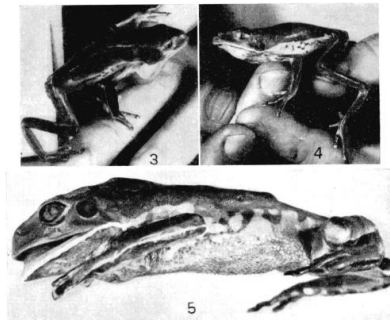
FIG. 1 — *Phyllomedusa* (*Pithecopus*) *burmeisteri* *distincta* A. Lutz. Ex. do
Corpa. Costa, Catarina, macho 1925. Nat. 62 mm.
Dib. Sq. R. Homeno photo M. Leão.

FIG. 2 — *Phyllomedusa* (*P.*) *b. distincta*, Rio Vermelho 1950, ex. muito
pequeno (very pigmented specimen).
Foto: M. Leão.

Estampa 2

Mem. Inst. Oswaldo Cruz
Tomo 48, 1950

ESTAMPA 2



Phyllomedusa (*P.*) *b. distincta* A. Lutz
Figs. 3-4 — Exemplares vivos. Living specimens
FIG. 5 — Holotype fêmea Nat. 70 mm.
FIG. 6 — Paratype macho Nat. 82 mm.
Repr. e Foto: M. Leão

Fonte: Lutz, Bertha. "Anfíbios e anuros", Tomo 48, 1950.

De acordo com B. Lutz, citando o trabalho de Joaquim Venâncio, destaca o detalhamento do "canto que, de acordo com ele "é muito semelhante ao coaxar: 'quo, quo'" do *P. b. burmeisteri*, sendo somente um pouco mais baixo e com som semelhante ao de uma pessoa que vai escarrar"¹⁵³.

Ao final de sua diagnose, no tópico "explicação", Bertha reforça que apenas "complementou" o trabalho de seu pai, sendo, portanto, ele quem faria jus aos possíveis créditos decorrentes de sua pesquisa, colocando-se em posição de colaboradora. A construção de uma ciência androcêntrica, além de ser estigmatizada e, no que se refere à época de Bertha Lutz, era institucionalizada.

¹⁵³ Ibid., 611.

Esta Phyllomedusa foi estudada inicialmente pelo Professor Lutz em 1924 e 1928. Anotou os caracteres diagnósticos, deu-lhe nome de distinta e mandou aquarelar o espécime de 1928 que chegou de Corupá recém-morto. Aguardou, porém, maior número de exemplares para publicar a descrição. A forma deve, portanto ser acompanhada do nome do professor Lutz e não do da autora que apenas terminou a descrição depois de ver a espécie viva. Assume ela, porém a responsabilidade de ter feito *P. distincta* apenas uma sub-espécie de *P. burmeisteri*.¹⁵⁴

Bertha prossegue com a descrição da “segunda espécie, *Aplastodiscus perviridis*, e a apresenta como um problema sistemático bastante complexo”¹⁵⁵.

Isso porque a espécie em questão possui caracteres gerais do gênero *Hyla*, mas dele difere pela forma das extremidades. Ressalta que mostra certa semelhança com as outras pererecas verdes de tamanho médio da Serra do Mar, citando como exemplo: *H. albofrenata*, *H. albosignata*, e *H. musica* (Lutz 1949)¹⁵⁶.

Oferece detalhes minuciosos das formas apresentadas e do que considera como uma nova forma:

Alguns espécimes destas formas apresentam o primeiro dedo da mão em posição um tanto oblíqua, encobrendo parcialmente o segundo e tornando-se ligeiramente oponível a este. Salvo essa particularidade, as mãos e os pés obedecem ao padrão geral, com membranas bem desenvolvidas e discos grandes. A forma nova apresenta as membranas natatórias muito reduzidas; não só faltam entre os primeiros dedos da mão, mas limitam-se a um tira estreita entre os dedos internos do pé e embora, mais largas, são curtas entre todos os dedos laterais. Sendo a diferença maior constituída pela forma dos discos e dedos. Os primeiros são muito finos e estreitos, com forma de unha e lâmina, e não ultrapassam a largura dos dedos (fig. 12, a.b.c.d.). Estes por sua vez também são mais delgados e mais roliços que os de *Hyla*, assemelhando-se bastante aos de *Phyllomedusa*. A oponibilidade do 1º dedo é mais acentuada e constante¹⁵⁷.

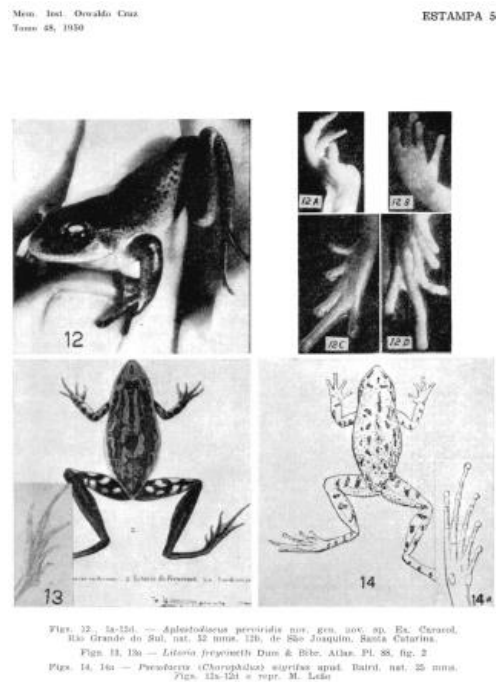
¹⁵⁴ Ibid., 612.

¹⁵⁵ Ibid., 605.

¹⁵⁶ Ibid.

¹⁵⁷ Ibid., 605-606.

Figura 12 - Estampa 5



Fonte: Lutz, Bertha. "Anfíbios e anuros", Tomo 48, 1950.

Ela compara com a *Hyla albosignata* com relação ao “porte e à voz, divergindo, porém ecologicamente, pois a primeira é arbórea e silvestre e a forma nova é de terreno alagadiço ou brejeiro, além de não escalar bem, conforme já observado pelo seu pai”¹⁵⁸. Prossegue então, trazendo detalhes sobre aspectos variados da espécie descritos por seu pai e pelo prático Venâncio:

Essa forma foi descoberta na Serra da Bocaina, após escutar o canto várias noites. Não foi possível dissecá-la por se tratar de espécime único de forma aparentemente rara. Redigiu-se uma descrição curta e o Professor Lutz sugeriu o nome *Aplastodiscus* caso fosse confirmado mais tarde, à vista de número maior de espécimes tratar-se efetivamente de gênero diverso. Devido a cor recebi o nome específico de *perviridis*. Ao correr dos anos o Professor Lutz e o Sr. Venancio ouviram mais uma ou duas vezes o canto na mesma localidade, mas não conseguiram novos espécimes. Nunca foi vista nos arredores do Rio nem nas montanhas que ficam ao norte da capital.

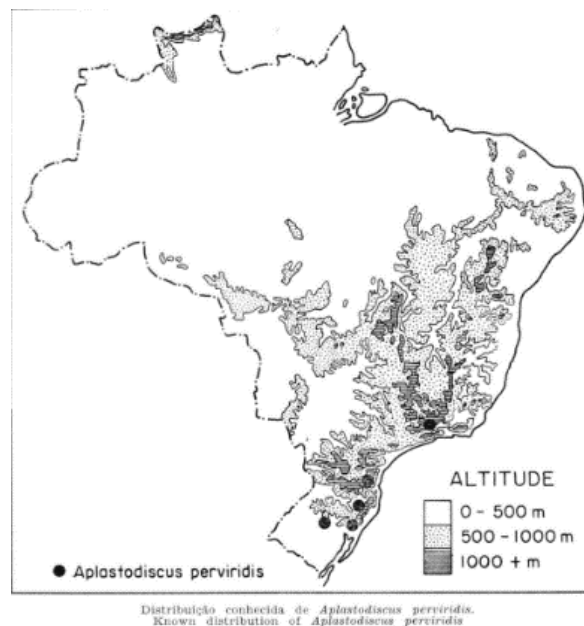
Contudo, durante a nova excursão, Bertha ressalta que:

A nova forma torna-se mais abundante em direção ao sul de Santa Catarina (Serra Geral), assim como na fronteira norte do estado (Serra do Mar). Ao

¹⁵⁸ Ibid., 606.

todo obtivemos dezesseis exemplares. Estes vieram confirmar os caracteres diagnósticos e tornaram a dar impressão muito nítida de diferenças funcionais ligadas as estruturas dos dedos e discos¹⁵⁹.

Da mesma forma que fez com a espécie anterior (*P. burmeisteri*), também indica um mapa onde aponta as localidades que foram encontradas as formas diversas da espécie *Aplastodiscus perviridis*.



Fonte: Lutz, Bertha. "Anfíbios e anuros", Tomo 48, 1950.

Na sequência ela relata que, ao observar uma "peça osteológica, esta revelou caracteres estruturais iguais ao gênero *Hyla*, com exceção das falangetas terminais (mal ossificadas), bem como ao alongamento do quarto dedo do pé"¹⁶⁰.

Destaca que este "não é o único Hilídeo com caracteres estruturais de *Hyla*, sendo os anteriores separados, no século passado, do gênero tipo por alguns herpetólogos"¹⁶¹. Contudo, no que se refere às modificações de características morfológicas e fisiológicas, só ocorreram por três vezes, sendo a primeira na Austrália, a segunda na região neoártica e no Brasil, através dos estudos de seu pai¹⁶².

¹⁵⁹ Ibid., 606.

¹⁶⁰ Ibid., 607

¹⁶¹ Ibid.

¹⁶² Ibid., 607.

Enfatiza que os três gêneros são bastante diversos para se encaixarem em um só gênero, concluindo que, sobre as formas exóticas, o certo seria deixá-las ao estudo de quem de direito, enquanto ela, na condição de autora, se limitaria a descrever a forma nova, sob o nome de *Aplastodiscus A. Lutz*.

É importante ressaltar que, mesmo após uma diagnose completa, feita com base em observação de campo, coletando amostras e dando sequência aos estudos em laboratório, além de acrescentar inúmeras observações aos estudos que até então não haviam sido apresentados, constata-se que para Bertha, era de suma importância destinar as descobertas realizadas por ela a Adolpho Lutz.

Considerações finais

Muitos foram os desafios enfrentados por Bertha Lutz na política, como figura pública declaradamente feminista e por formação cientista, especialmente a partir de sua inserção nos espaços públicos, representados socialmente como de domínio masculino.

Esses desafios podem tê-la levado a assumir posições contraditórias consigo mesma, próprias do período que foi vivenciado por ela, enquanto mulher e sujeito histórico, dada a sua geração e classe social.

Assim como a organização da vida social, as ciências também são organizadas pelas relações de gênero, étnico-raciais e de classe. Na trajetória profissional das cientistas, essa complexa estrutura perpassa a teia de relações estabelecidas entre elas e o mundo circundante, como mulheres e cientistas.

“Estudos que estão sendo realizados sobre o trabalho feminino vêm identificando traços atribuídos às mulheres que se apresentam, por exemplo, na fala das cientistas. Alguns deles vêm identificando na carreira profissional de mulheres, um movimento de detenção que as impede de avançar, resultando daí estados de mal-estar, crises existenciais que põem em risco sua subjetividade e carreira profissional”¹⁶³.

Esses estudos sugerem que isso ocorre quando as mulheres se veem confrontadas com uma superfície superior invisível denominada *teto de cristal*. A invisibilidade dessa superfície resulta do fato de que não existem leis explícitas, nem dispositivos institucionais impedindo as mulheres de avançar e, por isso se tornam mais poderosas, porque são difíceis de serem detectados¹⁶⁴.

Alguns autores denominam o termo *teto de cristal* como *teto de vidro*, uma metáfora usada para designar as barreiras organizacionais invisíveis que as mulheres devem transpor para chegar a cargos superiores.

Desse modo, não podemos afirmar sobre o motivo que levou Bertha a optar por trilhar um caminho de renúncia sobre a autoria de suas pesquisas ou mesmo de não partir de temas independentes em sua área. Tudo indica que os valores sociais e culturais, bem como a relação familiar, foram norteadores de sua vida e de suas escolhas.

¹⁶³ Costa & Sardenberg orgs. *Feminismo, ciência e tecnologia*, 57.

¹⁶⁴ *Ibid.*, 58.

Entretanto, a história escrita, por si só, confirma os rumos de sua carreira enquanto naturalista, na qual é retratada enquanto *a filha dedicada, a colaboradora fiel* e por fim *a filha de Adolpho Lutz*, em ocasiões diversas.

Chama a atenção, não obstante, a circunstância nunca explorada da sua capacidade técnica como naturalista, zoóloga e botânica. Em contrapartida, seguindo uma linha totalmente diversa, encontra-se em relevo sua representatividade no centro do movimento feminista, presidente e fundadora da FBPF, na qual participou ativamente apresentando emendas e discursando sobre diversos assuntos, como: trabalho feminino, educação, saúde pública, ciência, proteção ao meio ambiente, acesso à creche para filhos de mulheres trabalhadoras, entre outras frentes, sendo esse cenário retratado o mais comum de ser visualizado, invisibilizando sua carreira científica numa completa ausência de valorização de sua contribuição para além do movimento feminista.

Além das associações feministas das quais participou e teve um papel decisivo, é importante frisar que a trajetória de Bertha Lutz no Museu Nacional além de tê-la apoiado institucionalmente contribuiu para um melhor entendimento sobre as condições que influenciaram o ingresso de mulheres nos meios científicos na primeira metade do século XX, no Brasil, e quais as estratégias, características, dificuldades e conquistas envolvidas nesse processo. Bertha desafiava padrões tradicionais do gênero feminino, e seu perfil era característico de diversas mulheres de sua geração – feministas, solteiras, profissionais e comumente submetidas a preconceitos de gênero, mas também socialmente privilegiadas, já que faziam parte de diferentes elites sociais e tiveram acesso à educação e a recursos que não eram colocados à disposição de toda a população.

A contribuição de Bertha Lutz no campo científico foi, além de seus trabalhos botânicos e zoológicos de maneira geral, pois também se destacou na busca pela inserção de mulheres nesse domínio do mundo público, através da defesa da educação e profissionalização feminina. Com isso, sua atuação se dá tanto no âmbito da história educacional e científica do Brasil, como também no âmbito das relações de gênero, propiciando mudanças dos papéis femininos na sociedade. Bertha Lutz contribuiu para a criação de um novo papel social feminino.

No entanto é importante frisar que:

Bertha Lutz nunca foi admitida na Academia Brasileira de Ciências¹⁶⁵, principal associação de incentivo ao desenvolvimento da “ciência pura” no Brasil, mesmo se firmando como cientista nesse ambiente cultural, principalmente em um espaço que, nas décadas de 1920 e 1930, possuía grande prestígio no cenário carioca e nacional – o Museu Nacional do Rio de Janeiro¹⁶⁶.

Trinta anos após a morte da cientista, três instituições se reúnem para realizar o trabalho inconcluso de Bertha Lutz sobre seu pai. O Museu Nacional, a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Adolpho Lutz publicaram em 2004 a *Obra Completa*¹⁶⁷ de Adolpho Lutz¹⁶⁸.

Embora haja inúmeros estudos existentes sobre Bertha Lutz e sobre sua participação na luta pelos direitos da mulher, grande parte de sua documentação tanto em botânica quanto em zoologia, ainda é inédita e pouco explorada o que instiga o desenvolvimento de um maior número de análises e pesquisas em uma pesquisa futura.

¹⁶⁵ Seu pai, Adolpho Lutz, tornou-se membro em 1916.

¹⁶⁶ Sombrio, “Traços da participação Feminina”, 51.

¹⁶⁷ A obra completa tem quatro volumes, sob a coordenação dos professores Jaime Benchimol e Magali Romero Sá132. A revista *História, Ciências, Saúde: Manguinhos* dedicou todo o volume 10, número 1, de janeiro-abril de 2003 a Adolpho Lutz e à história da medicina tropical no Brasil.

¹⁶⁸ Lôbo, *Bertha Lutz*, 100.

Bibliografia

- Adichie, C. N. *Sejamos todos feministas*. Baum, Christina. São Paulo Companhia das Letras, 2015.
- Alves, B. M; Pitanguy, J. *O que é feminismo*. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- Alves, B. M *Ideologia e feminismo: A luta da mulher pelo voto no Brasil*, Petrópolis, Vozes, RJ, 1980.
- _____. “Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil 1919/ 1932, fatos e ideologia”. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1977.
- Alves, R. L. “Trajetórias femininas no Colégio Pedro II”. In: Simpósio Nacional de História, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Acessado em 17 de julho de 2023, disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_ad7604ad01d195549ab1c7d193589b53.pdf
- Alfonso-Goldfarb, A. M. *O Que É História da Ciência*. Coleção Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense; SP, 1ª edição 1994.
- _____., “Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência”. *International Journal for the History of Science* 4 (2008): 5-9. Acessado em 02 de outubro de 2023. file:///C:/Users/Diretor.WIN-7F4ARM06PEA/Desktop/artigos/tese/Alfonso,%20Goldfarb.%20Documentos,%20me todos%20e%20identidade%20em%20HC.pdf.
- _____., M. H. M. Ferraz & M. H. R. Beltran. “A historiografia contemporânea e as ciências da matéria: uma longa rota cheia de percalços”. Acessado em 02 de outubro de 2023. DOI:10.14195/978-989-26-0469-5_12.
- Badinter, E. *Émilie, Émilie - A ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial: Duna Dueto: Paz e Terra, 2003.
- Bezerra, N. “Mulher e universidade: a longa e difícil luta contra a Invisibilidade”. MPBA Direitos Humanos – FECLESC, 2010, CAODH, acessado em: 10 de setembro de 2023, <http://dspace.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/806>.
- Bentes, A. L. A. E S. Amaral, E C. Almeida, K C. Koga, & M E. M. Saldanha, orgs. “A marginalização feminina.” In *A situação da mulher na Europa moderna*, 1-22. Alfenas 2018. Acessado em 10 de julho de 2023, disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/remadih/wp-content/uploads/sites/11/2019/03/MulherIdadeModerna.pdf>.

Benchimol, J. L.; M. R, Sá; M. M. Andrade; & V. L. C. Gomes: "Bertha Lutz e a construção da memória de Adolpho Lutz". *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v. 10 (1), (janeiro-abril. 2003) acessado em 10 de julho de 2023, <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100007>

_____. *Adolpho Lutz - Outros estudos em zoologia - v.3*, Livro 4. Acessado em 20 de julho de 2023, disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/d4mmz/pdf/benchimol-9788575414064.pdf>.

_____. Adolpho Lutz: Hanseníase – v. 1, Livro 2. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Acessado em 25 de setembro de 2023, disponível em: file:///C:/Users/Diretor.WIN-7F4ARM06PEA/Desktop/artigos/ve_Jaime_Benchimol_etal_COC_2004.pdf

Braga, G. "As mulheres no contexto das sociedades ocidentais" Sobre(vivências) de professoras e professores, *Revista Humanidades & Inovação* v.6, n.10 (agosto 2019), acessado em 19 de fevereiro de 2023, <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1560#:~:text=Por%20muito%20tempo%2C%20elas%20foram,como%20cidad%C3%A3%20nos%20ordenamentos%20jur%C3%ADdicos>.

Campoi, I. C. "O livro Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX." *História da Leitura e do Livro* (dezembro de 2011), acessado em 19 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200010>

Costa, A. A. A. "O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política", *Revista Gênero*, v.5 n.2, (1 sem de 2005), acessado em 25 de fevereiro de 2023, <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020/01112009-115122costa.pdf>

Costa, A. A. A; C. M. B. Sardenberg. "O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas": *NEIM/UFBA*, 2008, acessado em: 25 de fevereiro de 2023, <http://neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>

_____. *Feminismo, ciência e tecnologia*. Coleção Bahianas, Salvador, REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, 2002 acessado em: 05 setembro de 2023, <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismociencia.pdf>.

Davis, A. *Mulheres, cultura e política*, Editora Boitempo, São Paulo, 1º ed. 2017.

D'Alkmin, S. M; & S.T Amaral. "A conquista do voto feminino no Brasil". *ETIC-Encontro de Iniciação Científica-ISSN 21-76-8498*, v. 2, n. 2, (2006). Acessado em 18 de julho

de 2023, disponível em:
<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1219>.

Dória, E. *Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo: 1837-1937*, Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - MEC, 1997. Acessado em 28 de agosto de 2023, disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/me002134.pdf>.

Duarte, C. L. *Nísia Floresta, vida e obra*. Coleção Educadores, Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana; PE; 2010. acessado em 20/02/2023, <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-127357/nisia-floresta>

Estacheski, D L. T ; & T, G. Medeiros. "A atualidade da obra de Mary Wollstonecraft." Resenha do livro *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft. *Revista Estudo Feministas*, 25 (1), (abril 2017), Trad. de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016. Acessado em 19 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p375>

Floresta, N. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

Galvão, L. M. "Os entrecruzamentos das lutas feministas pelo voto feminino e por educação na década de 1920". *Revista Direito & Práxis*, Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 13, (2016) p. 176-203. Acessado em 18 de julho de 2023, disponível em: DOI: 10.12957/dep.2016.16786.

Gonzalez, L. *Por um feminismo afro latino americano*. Zahar, Rio de Janeiro, 1º ed., 2020.

Guedes, M. E. F. "Gênero o que é isso?". *SciELO, Psicol. cienc. prof.* 15 (1-3), 1995, acessado em 20 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>

Gurgel, T. "Feminismo e luta de classe: História, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade". *Anais do Fazendo gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*. Florianópolis, SC, Brasil, 2010. Acessado em 22/08/2022, <http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/FEMINISMO%20E%20LUTA%20DE%20CLASSE.pdf>.

Hobson, J. *A evolução do capitalismo moderno: um estudo da produção mecanizada*. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

Henson, P. "A Invasão da Arcádia: as cientistas no Campo na América Latina, 1900-1950". *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, v.15, 2000.

Hahner, J. E. *Emancipação do sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil 1850-1940*. Editora mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Kerber, L. "The Republican Mother: Women and the Enlightenment-An American Perspective". Source: *American Quarterly*, Vol. 28, N. 2, Special Issue: An American Enlightenment, pp. 187-205 (19 pages) (1976), acessado em 17 de julho de 2023, <https://doi.org/10.2307/2712349>

Karawejczyk, M. "Suffragettes nos trópicos?! A Primeira Fase Do Movimento Sufragista No Brasil". *Locus: Revista De História* v. 20 n. 1 (2014). (maio 2016) (atualizado em 16/04/2021) acessado em 22 de fevereiro de 2023, <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20768>.

_____. "O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino". *Revista Estudos Feministas*, vol. 26, núm. 2, e49845, (fevereiro 2018), acessado em 22 de fevereiro de 2023, 10.1590/1806-9584-2018v26n249845.

Kovaleski, N V. J; C, S. B. Tortato, & M, G. Carvalho. "As relações De Gênero Na história Das Ciências: a participação Feminina No Progresso científico E tecnológico. Emancipação. V.13". *Emancipação* 13 (3):9-26. (dezembro 2014), acessado em 20 de fevereiro de 2023, Doi: 10.5212/Emancipacao.v.13iEspecial.0001.

Leite, M S. L. A, "A constituinte de 1891 e a questão do voto feminino: Repercussão no movimento sufragista". Trabalho de Conclusão de Curso em Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016), 18-24. Acessado em 20/01/2023 <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/17966>.

Lerner, G. *A criação do patriarcado*. 1ª ed.; São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2019.

Lino, T. R; & C, Mayorga. "As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna Saúde & Transformação Social", / *Health & Social Change*, vol. 7, núm. 3, 2016, Universidade Federal de Minas Gerais. Acessado em 22/08/2023, <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239/4651>.

Lôbo, Y. *Bertha Lutz*. Coleção Educadores, Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana; PE; 2010.

Lopes, M. M. "Aventureiras" "Nas Ciências: Refletindo Sobre Gênero E história Das Ciências Naturais No Brasil". *Cadernos Pagu*, (10) (janeiro 2012), 345-68, acessado em 22/08/2022, <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4689345>.

_____. L. G. P, Sousa; & M. M. de O. Sombrio, "A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Julia Lutz (1894-

1976”) Revista Gênero. Niterói: EdUFF, v. 5 n. 1 (2004), acessado em 22/08/2022, <https://doi.org/10.22409/rg.v5i1.223>.

_____. “Feminismos e construções de culturas científicas: a atuação política de Bertha Lutz nas décadas de 1920 e 30”. *Instituto de Geociências/Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero-UNICAMP*. Acessado em 22/08/2022

_____. “Proeminência na mídia, reputação em ciências: leituras sobre a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.15 (supl.), 2008. Acessado em 22/08/2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000500004>.

Lutz, Bertha. “Anfíbios Anuros da coleção Adolpho Lutz: V. locomoção e estrutura das extremidades V.^a *Phyllomedusa (P.) burmeisteri distincta* A. Lutz: Vb. *Aplastodicus perviridis* A. Lutz”. *Mem. Inst. Oswa. Cruz*, 48: 599-637, 14 fig. Acessado em 25 de julho de 2023, disponível em: <https://www.scielo.br/j/mioc/a/LpsstBGbMfRfkkz5wzZcZKd/?format=pdf&lang=pt>.

_____. A. L. Carvalho, “Novos anfíbios anuros das Serras costeiras do Brasil”, *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* 56 (1), (July 1958) acessado em 16 de outubro de 2023, disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0074-02761958000100012>.

Marques, T. C. N. *O voto feminino no Brasil*. 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. acessado em 23 de fevereiro de 2023, <https://www.camara.leg.br/midias/file/2020/11/voto-feminino-brasil-2ed-marques.pdf>

_____. “Entre o igualitarismo e a reforma dos direitos das mulheres: Bertha Lutz na Conferência Interamericana de Montevideú, 1933”. *Rev. Estud. Fem.* 21 (3), (Dez 2013). Acessado em 16 de outubro de 2023. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300009>.

Moraes, A. T., & L. M. Vieira, orgs., *Democracia comunicação e cidadania*. CEGRAF UFG, 2021, acessado em 22 de julho de 2022, https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/Democracia__Comunica%C3%A7%C3%A3o_e_Cidadania_Final_12_05_2022.pdf.

Monteiro, E. B, Série “1922 – Hoje, há 100 anos” XI e série “Feministas, graças a Deus!” XII – A 1ª Conferência pelo Progresso Feminino, (dezembro 2022), *Brasiliiana* fotográfica, disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=1a-conferencia-pelo-progresso-feminino>.

Moura, A. M. “A primeira Onda feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família do século XIX (1888-1894)”. *Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia* da UFPE, 2(2), 62-86. 2018.

- Nunes, M. A; & A. Bonini, "Bertha Lutz e a conquista do voto feminino no Brasil: ensino de história e as relações de poder e gênero". Secretaria do Estado da Educação, O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, V. 1, (2010), Governo do Estado do Paraná, acessado em 18 de julho de 2023, disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_hist_artigo_marilene_aparecida_nunes.pdf.
- Pedro, J. M. "Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica". *HISTÓRIA*, São Paulo, v.24, n.1, (2005):77-98. Acessado em 25 de fevereiro de 2023. <http://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>.
- Porto, W. C. *História Eleitoral no Brasil: O Voto no Brasil: da colônia à 5ª República*, Gráfica Senado Federal, 1989. (Volume I), 37.
- Rago, Elisabeth Juliska. *Outras falas. Feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007, acessado em 12 de julho de 2023, https://www.google.com.br/books/edition/Outras_falas/G4Hd86uLGLkC?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PA3&printsec=frontcover.
- Rocha, D; E, A. A. Souza; F, P. Silva.; K, Garbo, & L, H. C. Peteffi. "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, de Olympe de Gouges". Revista *Translatio*, n. 17 (junho de 2020): acessado em 28 de fevereiro de 2023, <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/104834/57463>.
- Rossiter, M. W. "Women's Work" in Science, 1880-1910." *Isis*, 71(3), 381–398, 1980, acessado em 20 de fevereiro de 2023, doi:10.1086/352540
- Scott, Joan W. "Gênero: Uma Categoria útil De análise histórica". *Educação & Amp, Realidade* v. 20 n. 2. (março 2017), acessado em 19 de fevereiro de 2023, <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- _____. A gender and politics of history. Prefácio disponível Cadernos Pagu, n.3, p.11-27, 1994, p. 11.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>
- Schienbinger, L. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001, acessado em 20 de fevereiro de 2023, <file:///D:/schienbinger-2001.pdf>
- Schmidt, J. F. "As mulheres na revolução francesa". *Revista Tthema*, v. 9 n. 2 [S. L.], (novembro 2012), acessado em 20 de fevereiro de 2023, <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/147>

Siqueira, C B; & E C. A. Bussinger. “As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher”. Revista *Thesis Juris–RTJ*, v. 9, n. 1 (maio de 2020,) acessado em 19 de fevereiro de 2023, <https://doi.org/10.5585/rtj.v9i1.14977>

Soihet, R. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. Rev. Bras. Educ. n. 15, pág. 97-117, (dezembro de 2000), acessado em 15 de maio de 2023, http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000300007&lng=en&nrm=iso.

_____. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC, 2006.

Sombrio, M. M. O. “Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951.” Dissertação de mestrado em Política Científica e Tecnológica, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Acesso em 12 de julho de 2023, disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.400781>

Sousa, L. G. P. “Educação e profissionalização de mulheres. Trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)”. (Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em história das ciências e saúde da casa Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2009), 33- acessado em 20/01/2023. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3997>

Showalter, E, *Anarquia sexual*. Sexo e cultura no fin de siècle. Rio de Janeiro, (1993), Rocco.

Taboada, G., J E. Nery, & M G, Marinho. “A revista da semana em perspectiva”. Trabalho apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom (NP04) – Produção editorial. Acessado em 10 de outubro de 2023, disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/66248782862929906730788619121886547386.pdf>.

Tosi, L. “Mulher E Ciência: A revolução científica, a caça às Bruxas E a Ciência Moderna”. *Cadernos Pagu*, nº 10 (janeiro 2012):369-97. acessado em 19 de fevereiro de 2023, <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>

Trindade, L. S. P.; M. H. R. Beltran & S. R. Tonetto. *Práticas e estratégias femininas: história de mulheres nas ciências da matéria*. 1ª ed.; São Paulo: Livraria da Física, 2016.

Vauchez, A. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos XIII e XIII*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro 1995.

Velho, L., & M V. Prochazka, “Mulheres na ciência. No que o mundo da ciência difere dos outros mundos?” - Revista ComCiencia, Campinas, Brasil. Acessado em 01 de outubro de 2023. <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres/09.shtml>

Zirbel, I. “Ondas do feminismo.” Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas v7, n.2, (2021): 10-31. Acessado em 25 de fevereiro de 2023. <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf.as>, 2015.